

Duas fortificações do final da Idade do Ferro/ início da romanização: São Salvador (Cadaval) e sítio do Castelo (Arruda dos Vinhos)

GUILHERME CARDOSO ARQUEOLÓGO ASSEMBLEIA DISTRITAL DE LISBOA

Resumo:

O Castro de São Salvador localiza-se no município do Cadaval, Freguesia do Cercal, na parte oriental da Serra de Montejunto, a partir do qual se domina um vasto território.

Foi identificado nos anos 40 do século XX por Hipólito Cabaço. Os materiais resultantes das suas pesquisas, encontram-se guardados em Alenquer, no museu que ostenta o seu nome.

Entre 1989 e 1991, João Ludgero Gonçalves efectuou três sondagens que lhe permitiram perceber a técnica de construção da segunda linha de muralhas do castro e recolher vários materiais arqueológicos.

Nos anos de 1996 e 1997, procedemos também a mais três sondagens arqueológicas, neste castro, onde foram identificados vestígios de estruturas num pequeno espaço virado a sul, bem como um pequeno espólio arqueológico, que se encontra guardado no Museu Municipal do Cadaval.

Mais a sul, já no concelho de Arruda dos Vinhos, entre 1988 e 1993, João Ludgero Gonçalves, procedeu a escavações arqueológicas no sítio do Castelo, localizado no extremo norte de um esporão bem próximo do Casal do Castelo, sobre o vale do rio Grande da Pipa. Sítio que já tinha sido identificado por Joaquim Gonçalves, quando prospectava estações arqueológicas com o fim de elaborar a Carta Arqueológica do concelho de Sobral de Monte Agraço.

Continuámos neste mesmo local escavações nos anos de 1996 e 1997, onde efectuámos três sondagens arqueológicas, que confirmaram os dados coligidos por João Ludgero Gonçalves anteriormente, ou seja, uma grande escassez de estruturas, certamente devido à implantação do Forte do Paço, em 1809.

Trata-se assim, de dois locais que tiveram uma ocupação estratégica com fins de observação e defesa, desde finais da Idade do Ferro até aos inícios da Romanização.

Summary:

This paper aims to present the study of the archaeological works that took place in two *castra* northwards of Lisbon.

The castro of São Salvador is located in the eastern slope of the Serra de Montejunto in the parish of Cercal, municipality of Cadaval.

Between 1989 and 1991 archaeological surveys studied the building techniques used in the outer fortification wall. Later on in 1996 and 1997 three new field works took place and some structures as well as some other archaeological finds were unearthed.

The other castro is located in the municipality of Arruda dos Vinhos near the site of Casal do Castelo in a rocky strip of land over the river Grande da Pipa valley.

Two archaeological campaigns took place in 1988/1993 and 1996/1997.

These two sites were strategic points of defence and surveillance from the end of the Iron Age up to the early times of the Romanization.

O CASTRO DE S. SALVADOR (CERCAL, CADAVAL)

Descoberto por Hipólito Cabaço nos anos 40, localiza-se no extremo oriental da Serra de Montejunto, na freguesia do Cercal, dominando uma vasta área dos municípios do Cadaval, Rio Maior, Azambuja e Alenquer.

Encontra-se à cota máxima de 255m, na pequena elevação da Penha da Lapa, fazendo-se o seu acesso por antigos caminhos rurais que envolvem o cabeço e que ligam à estrada Nacional 365, S. Salvador - Cercal, a qual se encontra à cota dos 120m.

Os terrenos onde assenta o castro são constituídos pelos afloramentos calcários da serra de Montejunto. Mais abaixo localizam-se os terrenos de cultura, maioritariamente constituídos por arenitos.

Com mais de 0,3 hectares de área de ocupação, delimitados por duas linhas de muralhas de alvenaria, integra-se na classificação tipológica, proposta por Martín Almagro-Gorbea, nos castros Celtas de tipo B, em esporão (Almagro-Gorbea, 1994, pp. 16 e 17).

A primeira linha de muralhas corre à cota dos 240m, sendo ainda visível em grande parte do seu trajeto entre o lado norte e poente, através do desmoronamento das pedras que formavam a sua parede.

Melhor conservada encontra-se a segunda linha de muralhas que se desenvolve à cota dos 248m, no lado poente. João Ludgero Gonçalves procedeu à sua escavação pondo à vista parte do paramento exterior poente, que conservava ainda uma altura de cerca de 1,2m. Foi construída por blocos de calcário local, irregulares, levemente afeiçoados, dispostos em fiadas umas sobre as outras, travados pela fiada superior, através de uma pequena inclinação para o interior. Do lado interno foi reforçada por pedras de pequenas dimensões “despejadas” contra o paramento externo seguido de um enchimento de terra. Na sondagem efectuada, em C 2/3, não se encontrou vestígios do paramento interno o que nos deixa na dúvida se existira inicialmente ou se teria sido feito com uma paliçada de troncos e qual seria a sua largura real.

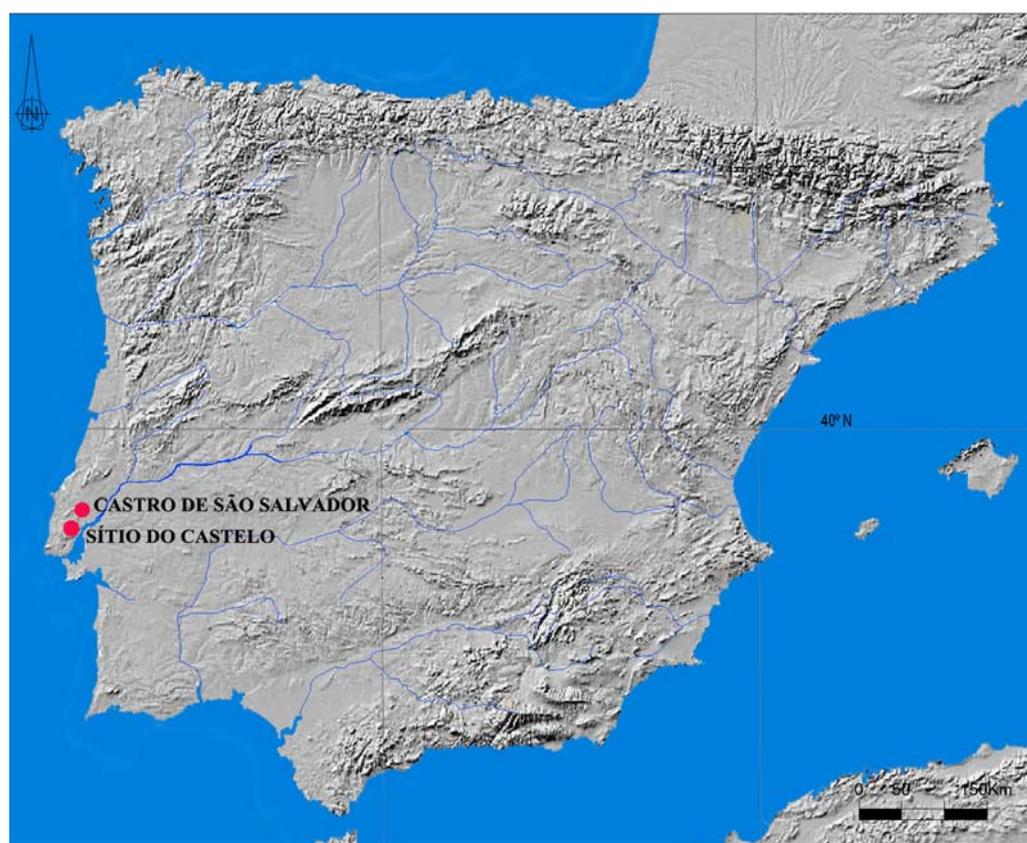


Figura 1
Localização do Castro de São Salvador e do Sítio do Castelo na Península de Ibérica.



Figura 2
Vista aérea do castro de São Salvador de Norte para sul. A, primeira muralha; B-B', segunda muralha.



Figura 3
Vista do castro de São Salvador tirada do lado sul.



Figura 4
Vista do Castro de São Salvador tirada de Oeste para Este.

Escavações Arqueológicas

Entre 1989 e 1991, João Ludgero Gonçalves, então arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, inicia as primeiras escavações arqueológicas no castro de S. Salvador, tendo identificado as duas muralhas de protecção e recolhidos abundantes fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro e do período Romano.

Este arqueólogo procedeu a escavações na área central norte e na zona poente junto à segunda muralha, não tendo identificado qualquer outra estrutura para além do referido muro de defesa.

A planta geral do castro e as fotografias aéreas que então foram executadas são elementos preciosos de estudo que nos possibilitam hoje vislumbrar um povoado amuralhado de forma elíptica, na crista do monte sobranceiro ao lugar de S. Salvador.

Os trabalhos arqueológicos que realizámos nos anos de 1996 e 1997 deram continuidade aos trabalhos de João Ludgero Gonçalves, na zona interior do castro. Numa primeira fase junto ao pano da segunda linha de muralhas e posteriormente na área central Sul.

Figura 5
Localização das sondagens efectuadas. Verde, I 15; azul, C 2/3; roxo, C 4; amarelo, D 15; castanho, D 16.

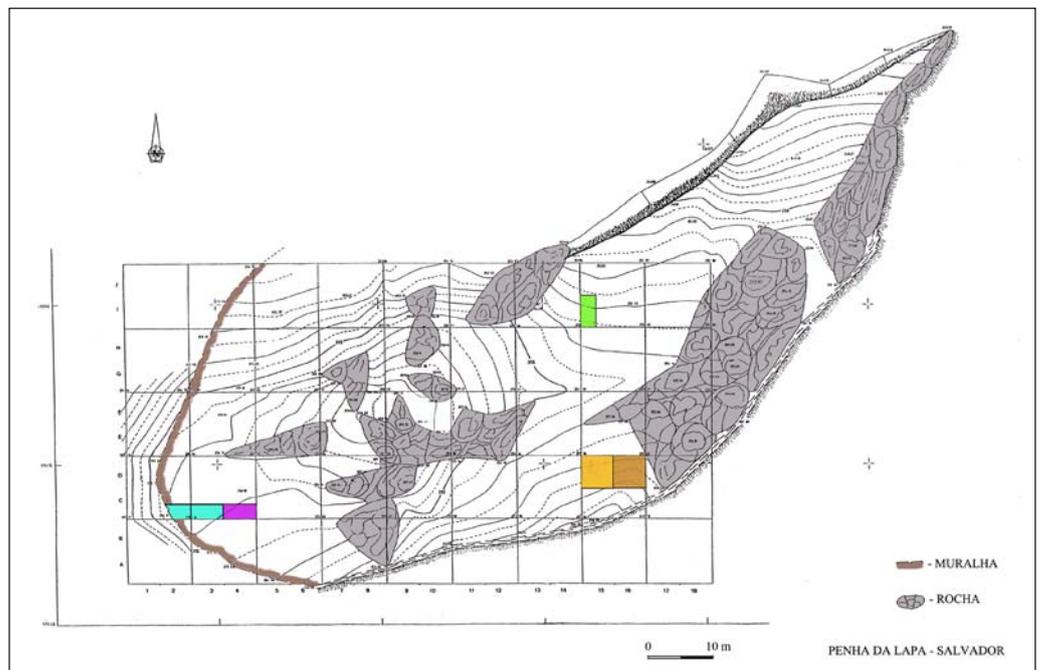


Figura 6
Área da segunda muralha com o derrube *in situ*. Vista tirada de Norte.

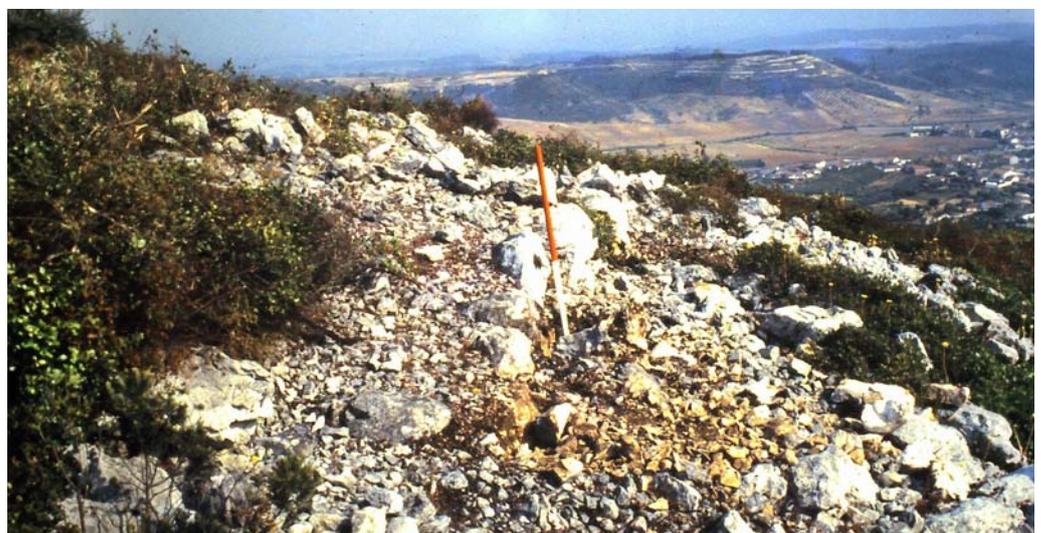


Figura 7
Fachada externa da
segunda muralha
após remoção do
derrube. Vista tirada
de sul.



As sondagens

C 2-3/Sul

Esta vala abrange a metade Sul de dois quadrados, 10m x 2,5m, que foram escavados em 1990. Incidindo sobre a zona de muralha, de onde foi retirado a camada de derrube deixando à mostra uma camada terrosa a qual deve corresponder o referido estrato de ocupação.

Os estratos definidos nesta sondagem foram os seguintes (fig. 12):

Estrato 1 – terra castanha humosa, com algumas pedras grandes

Estrato 2 – terra castanha clara também com algumas pedras grandes.

Estrato 3 – terra amarela compacta com algum cascalho, só observada no perfil sul.

Estrato 4 – terra vermelha, só observada no perfil norte.

Estrato 5 – terra castanha clara-amarelada com muito cascalho.

Estrato 6 – terra castanha solta com muitas pedras grandes e maior quantidade de pedras médias e pequenas corresponde ao derrube da muralha.

O lado exterior da muralha também se encontrava entulhado com o derrube. Para se obter uma ideia do tipo de aparelho usado na sua construção foram retiradas as pedras do derrube na face externa da muralha e apenas na frente da vala, sem chegar à rocha.

Pôde-se verificar que esta construção usava pedras de diferentes dimensões, irregulares e mal aparelhadas, não devendo ter sido usada qualquer tipo de argamassa.

Pelas observações feitas parece ser evidente que, durante o tempo em que a muralha esteve em uso, não se formou um estrato arqueológico, de ocupação, no lado interior da muralha, sobre a rocha. Verificou-se a existência de uma fina camada de terra castanha com alguma cerâmica, sendo que o derrube assentava directamente sobre ela mostrando que os ocupantes deste

castro “pisavam” esse chão. Durante a vida útil do castro deu-nos a impressão de não ter havido tempo para a formação de camadas arqueológicas quantitativas.

Os espólios obtidos não foram significativos, para além de alguns fragmentos de potes e de cossoiros em cerâmica.



Figura 8
Sondagem C 2/3
Sul. Vista tirada de
nascente.



Figura 9
Sondagem C 2/3
Sul. Vista tirada de
nascente pormenor
final.



Figura 10
Sondagem C 2/3 Sul.
Vista tirada de poente.



Figura 11
Sondagem C 2/3 Sul.
Vista tirada de Sul.

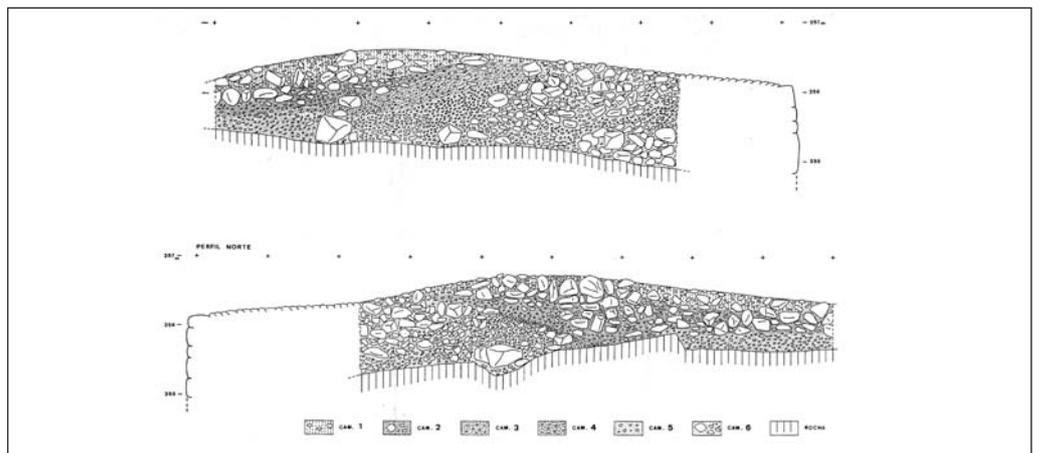


Figura 12
Sondagem C 2/3
Sul. Corte Sul e corte
Norte.

C 4

Na continuidade dos quadrados C 2/3, abriu-se o quadrado C 4 onde parte do maciço rochoso já aflorava à superfície, a norte da sondagem. Somente o lado sul tinha alguma potência estratigráfica embora de maneira muito revolvida.

Recolheram-se vários fragmentos de cerâmica entre os quais um pé de ânfora ibero-púnica do tipo T-7.4.3.3. (fig. 28, nº 10).



Figura 13
Sondagem C 4
Sul. Vista tirada de
nascente.

I 15

Este sector de 5m x 5m, foi escavado, na metade poente num total de apenas 5mx 2,5m, entre 1989 e 1990.

Com a abertura desta sondagem pretendia-se tentar saber do potencial estratigráfico-naquele local assim como da existência de estruturas conservadas.

Na primeira camada encontraram-se fragmentos de cerâmica do século I a. C., revelando pouca profundidade no lado oriental que assentava sobre o afloramento calcário. Recolheram-se, na primeira camada, abundantes fragmentos de cerâmica entre os quais potes, alguns deles decorados e de ânforas (fig. 28, nºs 8 e 13), tipos Fabião 67 e T-7.4.3.3, uma fíbula tipo Ponte B51.2a (tipo B1 de Fowler), um fragmento de bordo de jarro com pintura vermelha, um separador de tear em osso e um possível peso de bronze.

A camada 2 atingiu aqui 1,3 m de profundidade, sendo o espólio obtido constituí-

do por fragmentos de cerâmica cinzenta brunida de tradição indígena, bem como vários fragmentos de potes e um fragmento de movente de mó circular.

Estrato 1 - terra negra humosa

Estrato 2A – terra castanha avermelhada

Estrato 2B – terra castanha avermelhada mais clara, junto à base.

Não se distinguem culturalmente os estratos 2A e 2B.

Na camada 2B, encontrou-se um movente de mó, um vaso de cerâmica campaniense tipo A, e um pote pintado.



Figura 14
Sondagem I 15.
Primeira fase. Vista
tirada de oriente.



Figura 15
Sondagem I 15.
Segunda fase. Vista
tirada de Sul.



Figura 16
Sondagem I 15.
Segunda fase. Vista
tirada de poente.

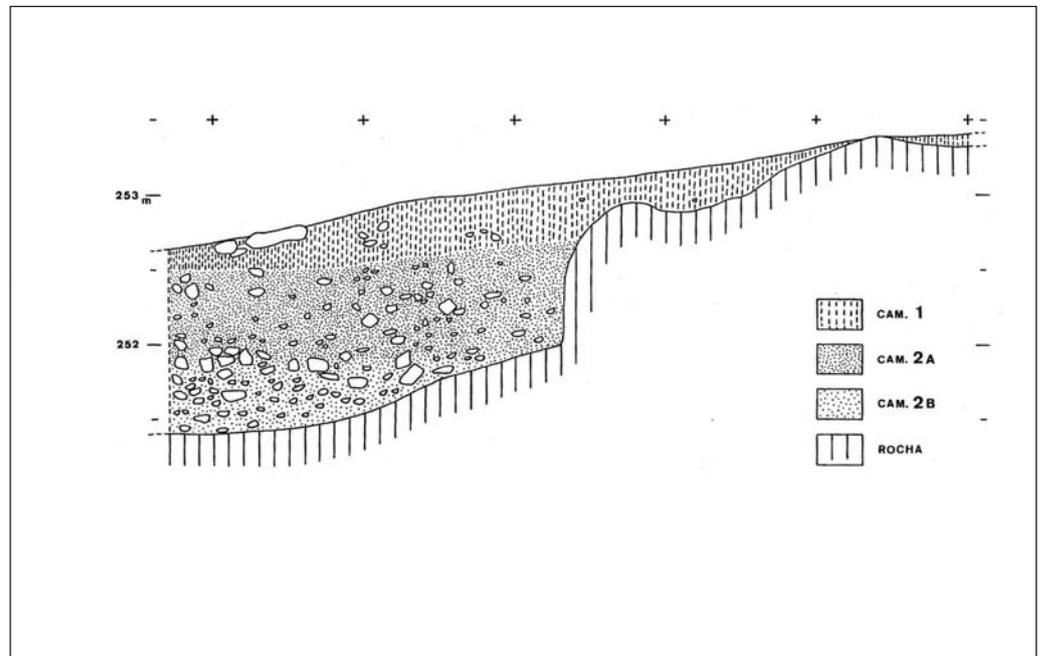


Figura 17
Sondagem I 15. Corte
poente.

FD 15

Localiza-se esta sondagem num pequeno terraço natural situado junto ao segundo pano de muralhas no lado sudeste do povoado que devido à sua localização, num plano mais baixo que o do afloramento rochoso da zona central do castro, se encontra assim protegido dos ventos do norte. Dali a vista espraia-se por vasto território, nomeadamente da estrada que ligava *Scalabilis* a Atouguia da Baleia.

Nesta sondagem foram descobertos, pela primeira vez, vestígios de alicerces de uma parede de um edifício de planta circular, junto à qual se encontravam abundantes fragmentos de cerâmica indígena do período correspondente à Idade do Ferro e fragmentos de ânforas romanas. De destacar a descoberta de um podão de ferro que embora se encontrasse em muito mau estado de conservação permitiu identificar a sua forma integral.

No lado oriental do quadrado foi identificada a base de uma estrutura de combustão.

Figura 18
A sondagem D 15
após a escavação.
Repare-se no
alinhamento de
pedras do alicerce de
uma possível cabana
de planta circular.



Figura 19
Sondagem D 15.
Vista tirada do lado
nascente.



D 16

Embora o quadrado contíguo, pelo lado Este, não tenha revelado qualquer estrutura devido à sua superfície estar muito desgastada pela erosão natural, acabou por ser aquele que ofereceu materiais arqueológicos mais antigos e significativos, como sejam fragmentos de fíbulas dos séculos V-IV a. C. e outro tipo de objectos metálicos de cobre e bronze, da II Idade do Ferro, que podem estar relacionados com um forno de fundição.

De salientar a abundância de fragmentos de cerâmica de fabrico regional, nomeadamente de grandes potes utilizados na armazenagem de víveres, aliados a raros fragmentos de cerâmica fina cinzenta, acompanhados por outros de ânforas romanas com origem no Mediterrâneo ocidental, para transporte de vinho, azeite e *garum*. Nota-se ainda a ausência de vestígios de telhas em todas as sondagens realizadas.

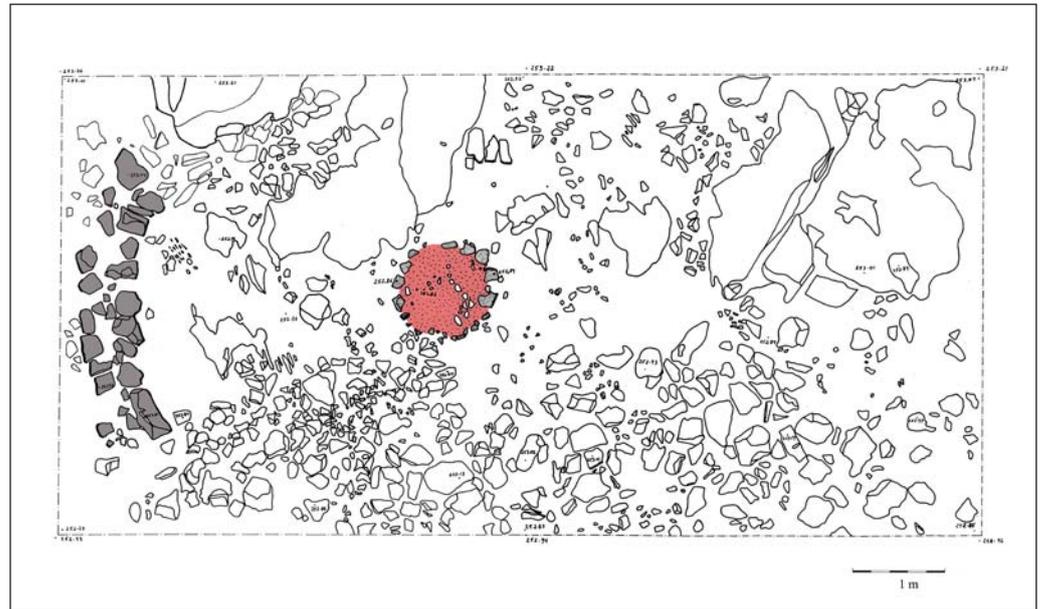


Figura 20
Sondagem D16.
Pormenor da
mancha de materiais
arqueológicos sobre
o estrato rochoso
natural.



Figura 21
Sondagem D 16.
Vista a partir de D 15,
tendo em primeiro
plano a estrutura de
combustão.

Figura 22
Planta das sondagens D 15 e D 16. Do lado esquerdo alicerce de um muro circular de alvenaria seca de dupla fiada; a vermelho indica-se a estrutura de combustão.



Estrutura de combustão

Um pouco mais para nascente do muro poente de D 15 foi escavada a base de uma estrutura de combustão delimitada por pequenas pedras. Todo o seu interior era de terra vermelha devido às sucessivas combustões a que esteve sujeita, existindo no fundo interno, pequenos fragmentos de cerâmica. Por debaixo da estrutura existiam vestígios de outra camada arqueológica mas que não escavámos para preservar a base desta estrutura.

Apuraram-se as seguintes dimensões para esta estrutura: diâmetro interno de 80cm, diâmetro externo, com um máximo de 110cm e sendo a espessura da parede entre os 10 e os 20cm, medidas que nos levam a supor que estamos na presença de um forno de fundição, idênticos aos apresentados por Luis Berrocal-Rangel (1994, p. 222, fig. 15, 2).



Figura 23
Sondagem da estrutura de combustão.

Figura 24
Estrutura de combustão descoberta em D 15. É visível a terra queimada que se encontrava no seu interior.



Materiais arqueológicos recolhidos

Metais

Fíbulas

Salete da Ponte publicou, em 1982, um estudo sobre fíbulas onde integrou cinco exemplares recolhidas por Hipólito Cabaço aquando da descoberta do castro de São Salvador. Duas delas (fig. 25, n.º 1 e 2), foram classificadas como do tipo Schüle 4h, dita Transmontana, datando-as entre os finais do século IV a. C. e o período republicano (Ponte, 1982, p. 216, n.ºs 4 e 5), a terceira (fig. 25, n.º 3) foi considerada como pertencente ao tipo pseudo-La Tène II, com cronologia entre a segunda metade do século I a. C. e os inícios do século II (Ponte, 1982, p. 217, n.º 9). Para a n.º 4, da nossa fig. 24, foi atribuída ao tipo 28 de Ettlínger, com data compreendida entre a segunda metade do século I a. C. e a segunda metade do I d. C. Finalmente uma fíbula tipo Aucissa – tipo B de Camulodunum (fig. 25, n.º 5) que é comum em estratos entre o principado de Tibério e o período flaviano.

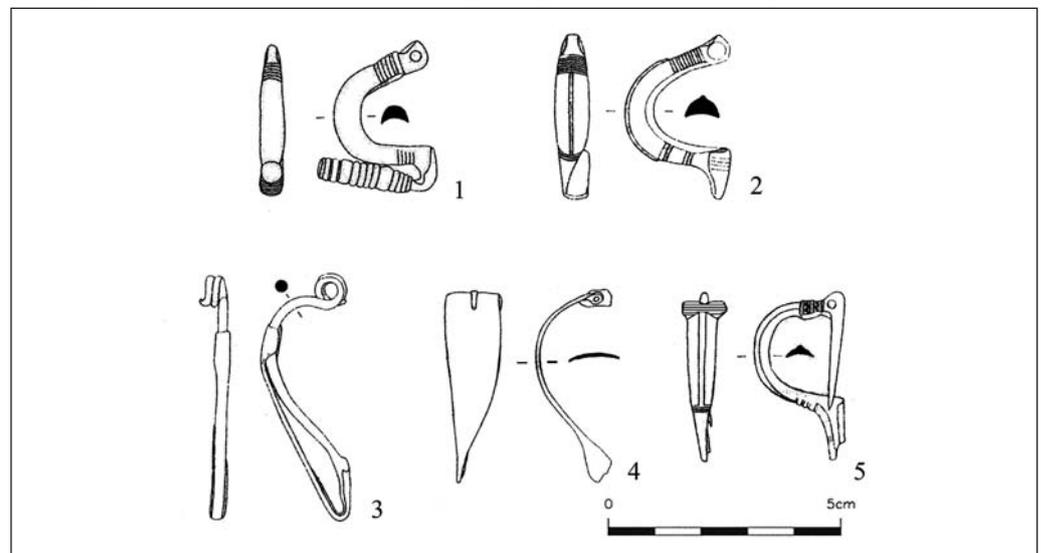
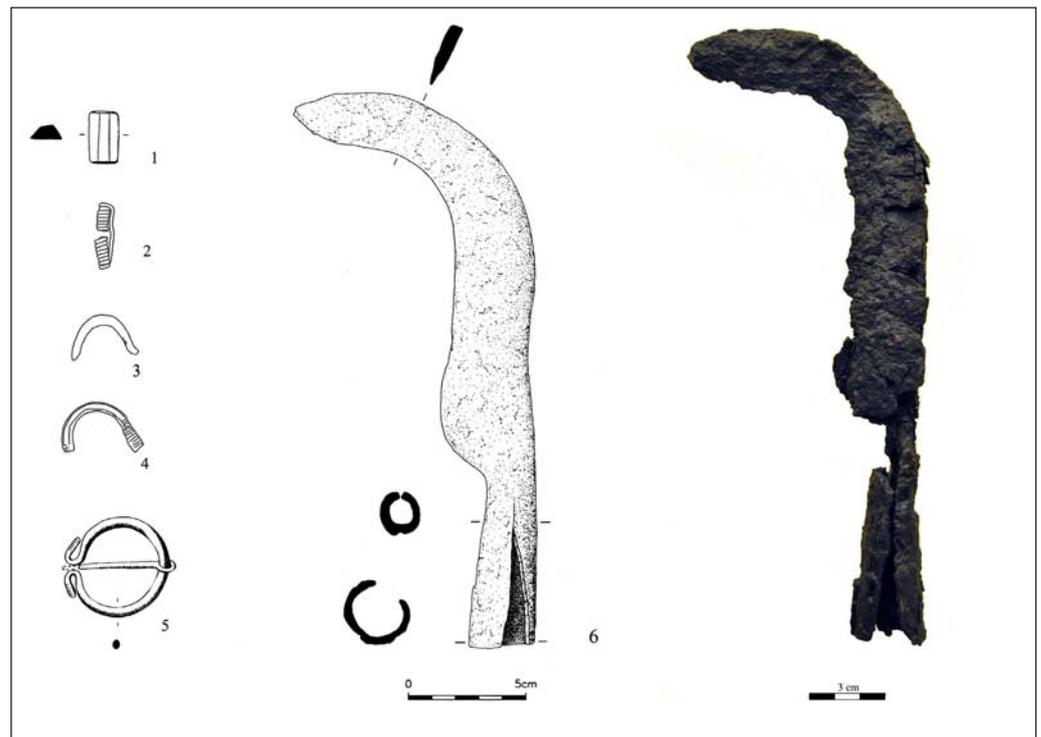


Figura 24
Fíbulas do castro de São Salvador estudadas por Salete da Ponte. 1 e 2, tipo Schüle 4h, dita Transmontana; 3, tipo pseudo-La Tène II; 4, tipo 28 de Ettlínger; 5, tipo Aucissa – tipo B de Camulodunum.

Durante as escavações que realizámos no castro foram recolhidos mais 5 fragmentos de fíbulas.

O tipo mais antigo foi exumado em D 16 (fig. 27, nº 1) do tipo Ponte 9 b (tipo Acebuchal), idêntica a outra recolhida no castro de Pragança que Salete da Ponte data da primeira Idade do Ferro (Ponte, 1982, p. 215). De outra fíbula temos somente a mola, que será possivelmente do tipo Cuadrado 3 b, (fig. 26, nº 2 e fig. 26, nº 2) datável entre 400-325 a. C. (Ponte, 1982, p. 216). Dois arcos de fíbula do tipo Ponte 32 c – fíbulas de tipo transmontano – (fig. 27, nºs 3 e 4) que Salete da Ponte data entre os finais do século IV a. C. e o século I d. C. (2006, p. 273). Por fim temos uma fíbula do tipo Ponte B51.2a (tipo B1 de Fowler) que apresenta as extremidades do aro sublinhadas por molduras anelares. Com cronologias entre os inícios do século I a. C. e os finais do século IV d. C. (2006, p. 487).

Figura 26
1, pequena barra paralelepípedica de bronze; 2, mola de fíbula possivelmente do tipo Cuadrado 3 b; 3 e 4, arcos de fíbula do tipo Ponte 32 c, dita Transmontana; 5, fíbula tipo B1 de Fowler; 6, podão de ferro.



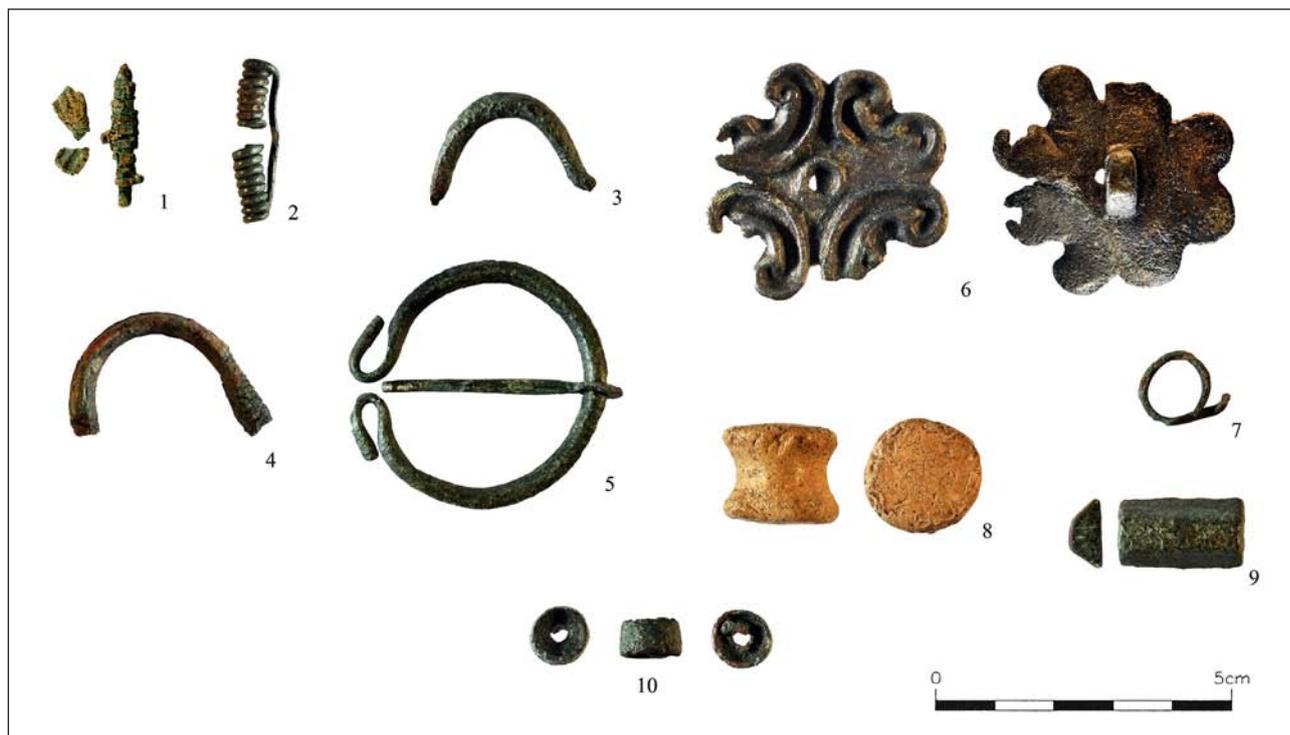


Figura 27

1, fíbula do tipo Ponte 9 b (do tipo Acebuchal), 2, possivelmente do tipo Cuadrado 3 b; 3 e 4, arcos de fíbula do tipo Ponte 32 c; 5, fíbula do tipo Ponte B51.2a.

Metals recolhidos na escavação das sondagens D 15 e D 16.

Botão

Botão em bronze, em forma de placa de perfil ondulado, formado pela união de quatro motivos em pelta muito aberta, ao centro um círculo provavelmente provocado por falha durante o processo de fundição. Passador inferior perfurado (fig. 27, nº 6). No Museu de Albacete, Espanha, existem vários botões deste género mas de três peltas, datados do Séc. IV a. C. (Abascal Palazón, e Sanz Gamo, 1993, pp. 148, 154 e 155, n.ºs 341, 342, 344 e fig. 11).

Segundo Rubí Sanz Gamo, directora do referido Museu, só o botão recolhido nas escavações, de 1983, do povoado de San Broncano, que foi definitivamente abandonado após a Segunda Guerra Púnica, é que se encontra datado com segurança entre séculos IV-III a. C.

Podão

Encostado aos alicerces do muro poente de D 15 (fig. 26, nº 6) estava um podão de alvado, peça que era utilizada habitualmente na poda das vides.

Pesos de balança

A um pequeno objecto de chumbo com superfície lateral côncava (fig. 27, nº 8) bem como uma pequena barra de bronze de secção trapezoidal (fig. 26, nº 1 e fig. 28, nº 9) poderíamos considerá-los como possíveis pesos de balança.

Vária

Recolheu-se ainda em D 16 uma anilha de arame aberta de cobre (fig. 27, nº 7) e um pequeno encaixe circular de cobre (fig. 27, nº 10).

Ânforas

São vários os fragmentos de ânforas que provam a existência de fortes contactos entre este castro e o início da romanização desta região, desde finais do século II a. C. aos finais da República aos inícios do Principado.

Tipo Dressel 1

Recolheu-se um fragmento de bordo e uma asa deste tipo de ânfora, no quadrado D 16 (fig. 28, nº 1). Trata-se de uma ânfora da Campânia, que servia para o transporte de vinho. Rui Morais data esta forma desde o século II a. C. até à primeira metade do século I a. C. (2010, p, 187).

Tipo T-7.4.3.3.

Recolhemos três fragmentos deste tipo de ânfora de origem ibero-púnica já produzida na área do Estreito de Gibraltar (Ramon Torres, 1995, p. 212).

Apresentamos dois fragmentos, um em D 16 (fig. 28, nº 2) e um possível pé desta forma (fig. 28, nº 10), em C 4. Possuem pastas do tipo “Baía de Cádiz” (Ramon Torres, 1995, p. 256) sendo datáveis da última década do século II a. C. até aos anos 60 a. C. (Ramon Torres, 1995, p. 294). Estas ânforas teriam sido utilizadas, possivelmente, para o transporte de pastas de peixe.

Em Santarém, Dias Diogo encontrou-as em estratos de revolvimento incluindo-as em diacronias compreendidas entre o século II a. C. e os meados do I a. C., propondo que serviriam para o transporte de *halax* ou possivelmente de azeitonas (Diogo, 1984, p. 125). Por sua vez nas escavações realizadas entre 1983 e 1991, por Ana Arruda, naquela cidade, foram recolhidos mais fragmentos deste tipo de ânfora exumados em estratos “seguros 27/25 a. C., 50-30 a. C., meados do séc. II a. C.” (Arruda e Almeida, 1998, pp. 217-220) de origem cartaginesa.

Em Chões de Alpopmé também foram recolhidas ânforas de produções béticas, deste tipo, que Dias Diogo data entre 125 a. C. e 50/30 a. C. (1993-1994, p. 269).

Conhecem-se ainda exemplares desta forma em Conímbriga (Alarcão, 1976, p. 86), no Castro de Chibanes com cronologias do 2º e 3º quartel do século I a. C. (Maia, 1978, p. 200; Tavares da Silva e Soares, 1997, p. 50, fig. 16, 3), junto ao Cacém, Sintra (Maia, 1978, p. 200), no acampamento romano de Lomba do Canho (Fabião, 1989, p. 99, fig. 12, 4), no Castelo da Lousa (Morais, 2010, p. 185 e 186, Est. XX, 4) e Castelo de S. Jorge, Lisboa (Pimenta, 2005, p. 64, fig. 22).

Para além das estações arqueológicas já citadas, existem outras, que apresentam este tipo de ânfora, estações que se localizam no litoral algarvio.

Ânforas ovóides da área Gaditana Dentro das formas produzidas em território da província da Bética, na área de Cádiz, temos vários fragmentos. No quadrado D 16, recolhemos um fragmento que tem algumas semelhanças com a Dressel 7/11 precoce (fig. 28, nº 3). Rui Morais identificou no Castelo de Lousa, exemplares do mesmo tipo datando a sua produção entre meados do século I a. C. e os anos 20 do mesmo século. Os bordos nº 4-7, o bojo nº 9 e os pés nºs 11-13, da fig. 27, pertencem também a produções de ânforas ovóides da segunda metade do século I a. C.

Ânfora do tipo Fabião 67.

Entre os fragmentos que se recolheram em São Salvador (*supra*) existe um similar ao tipo Fabião 67 (Fabião, 1989, 65-68). Trata-se de um fragmento de boca, de pasta da Bética, proveniente da sondagem I 15 (fig. 28, nº 8). São ânforas habitualmente datadas do século I a. C. (Morais, 2010, p. 214, nº 81).

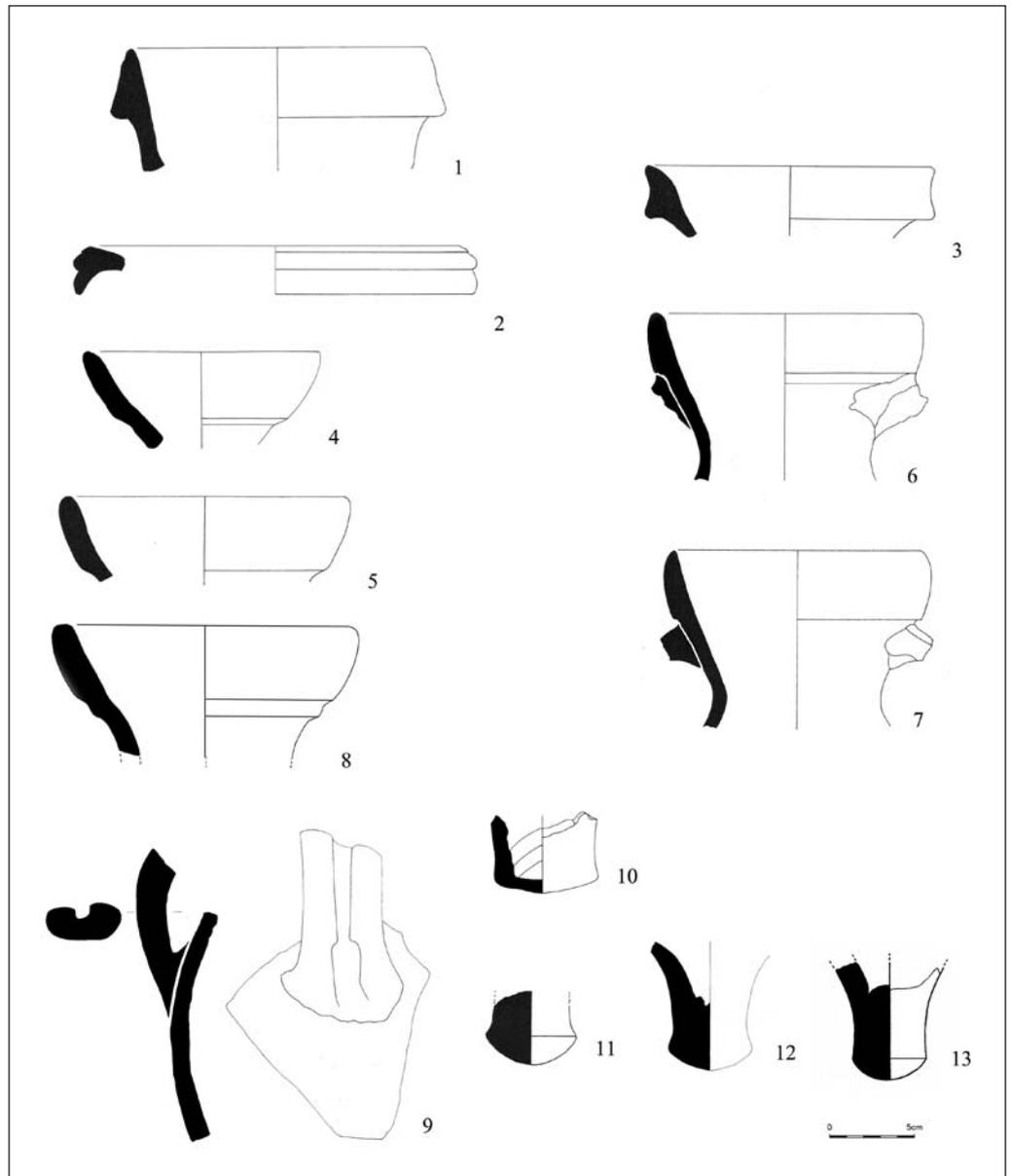


Figura 28
Fragmentos de ânfora
do castro de São
Salvador.

Nas sondagens C 2/3, estrato 6, recolheram-se dois fragmentos de uma possível bilha decorada com reticulado e linhas quebradas brunidas (fig. 29, nº 7), enquanto na sondagem I 15, estrato 2, se recolheu um pequeno fragmento decorado com um reticulado brunido (fig. 28, nº 8).

No primeiro estrato de I 15, recolheu-se um fragmento de bordo de jarro, pintado a vermelho (fig. 29, nº 4), e em C 2/3, no estrato 6, recolheram-se dois fragmentos de bojo de uma bilha, pintadas com faixas vermelhas.

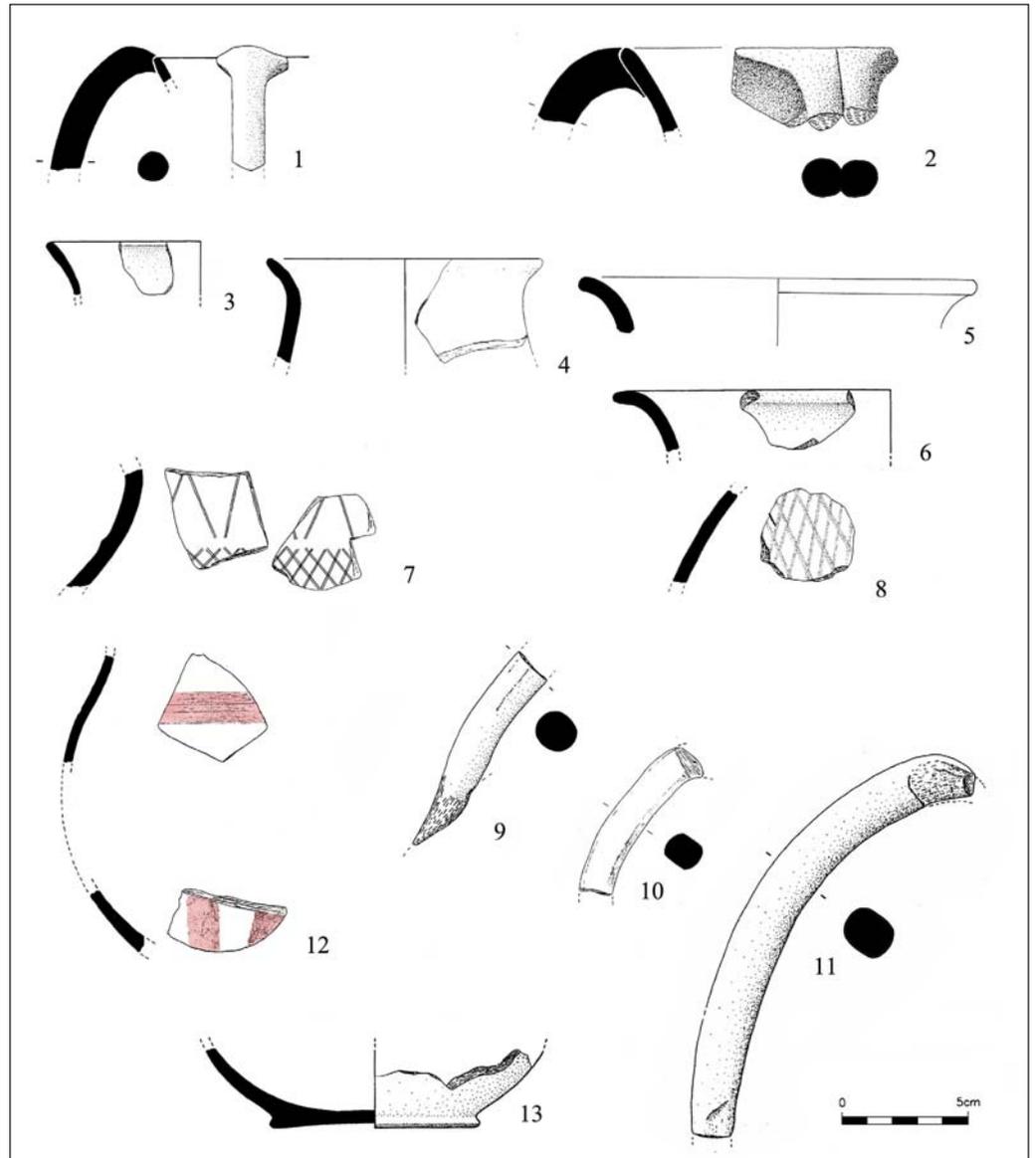


Figura 29
Fragmentos de
cerâmica cinzenta e
pintada da Idade do
Ferro.

Cerâmica campaniense

Recolheram-se três pequenos fragmentos de cerâmica campaniense. Dois deles são provavelmente de píxides (fig. 31, nºs 1 e 2), e outro o fundo de uma pequena taça (fig. 31, nº 3).

Cerâmica comum

Pastas

Numa simples observação das pastas que compõem o reportório da cerâmica comum, observamos facilmente que existem várias produções, desde as mais finas às mais grosseiras, obtidas tanto por meio de produção manual, como pela utilização de roda rápida ou por roda lenta. Estes tipos de dualidades têm, quanto a nós, que ver com a conjugação de factores tais como: a maior ou menor plasticidade das argilas usadas, dos tipos de cozedura, dos fornos, para além das técnicas de produção dos oleiros.

Sabemos também que o recurso a produções manuais são características de um mundo indígena de menores recursos, feitas em quantidades reduzidas logo, mais viradas para um consumo familiar ou de pequenos grupos, enquanto as cerâmicas elaboradas a torno rápido são destinadas a camadas sociais mais abastadas que se abasteceriam junto de fornecedores cuja produção seria em maior escala.

Para uma melhor compreensão do que afirmamos mostramos doze amostras mais representativas das produções que se encontraram no Castro de São Salvador onde realizámos observações macroscópicas recorrendo a uma lupa manual:

A – Nº Inv. 110.D 15.SS. Fragmento de bordo em voluta de pote. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura oxidante, cor vermelha (Munsell, 2.5YR 5/6).

E.n.p. quartzo leitoso.

B – Nº Inv. 2.D.15.SS. Fragmento de bordo em voluta de pote. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura semi-oxidante, cor vermelha (Munsell, 5YR 5/6).

E.n.p. quartzo leitoso.

C – Nº Inv. 4.D.15.SS. Fragmento de bordo extrovertido bífido de pote. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura semi-oxidante, cerne de cor cinzento e exterior vermelho (Munsell, 5YR 4/4 e 5YR 4/2).

E.n.p. quartzo leitoso.

D – Nº Inv. 6.D 15.SS (2-3). Fragmento de bordo em voluta de pote. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura semi-redutora, cor cinzenta com manchas avermelhadas (Munsell, 5YR 5/6).

E.n.p. quartzo leitoso rolado e anguloso.

E – Nº Inv. 75.D 15.SS (1). Pequeno fragmento de bordo de panela. Cozedura redutora, grão médio, de cor vermelha (Munsell, 2.5YR 5/6).

F – Nº Inv. 72.D 15.SS (1). Fragmento de bordo espessado de *dolium*. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura semi-redutora, cerne de cor cinzento e exterior vermelho (Munsell, 2.5YR 5/1 e 2.5YR 5/6).

E.n.p. quartzo leitoso.

G – N° Inv. 107.D 15.SS. Fragmento de bordo extrovertido direito de pote. Pasta pouco dura, de grão fino, cozedura redutora, cor negra (Munsell, 5YR 4/1).

E.n.p. quartzo leitoso e moscovite.

H – N° Inv. 8.D 15.SS (2-3). Bordo extrovertido de panela. Levantada a roda baixa. Cozedura redutora, grão grosso, de cor negra (Munsell, 5YR 3/1).

E.n.p. abundantes grãos de quartzo leitoso.

I – N° Inv. 93.D 15.SS (1). Pequeno fragmento de bordo em S de panela. Levantada à mão. Cozedura redutora, grão médio, de cor negra (Munsell, 2.5YR 2.5/1)

E.n.p. quartzo leitoso.

J – N° Inv. 9.D 15.SS (2-3). Bordo ligeiramente extrovertido de panela. Levantada a roda baixa. Cozedura redutora, grão grosso, de cor negra (Munsell, 5YR 2.5/1)

E.n.p. abundantes grãos de quartzo leitoso.

L – N° Inv. 71.D 15.SS (1). Fragmento de bordo em S de grande pote. Pasta dura, de grão médio, cozedura semi-redutora, de cor cinzento acastanhado (Munsell, 10Y R4/3).

E.n.p. quartzo leitoso, moscovite e óxido de ferro vermelho.

M – N° Inv. 9.C 4.SS. Fragmento de fundo anelar de taça. Levantada a roda. Pasta de cozedura redutora, macia, grão médio, de cor negra (Munsell, 5YR 4/2).

E.n.p. quartzo leitoso e moscovite.

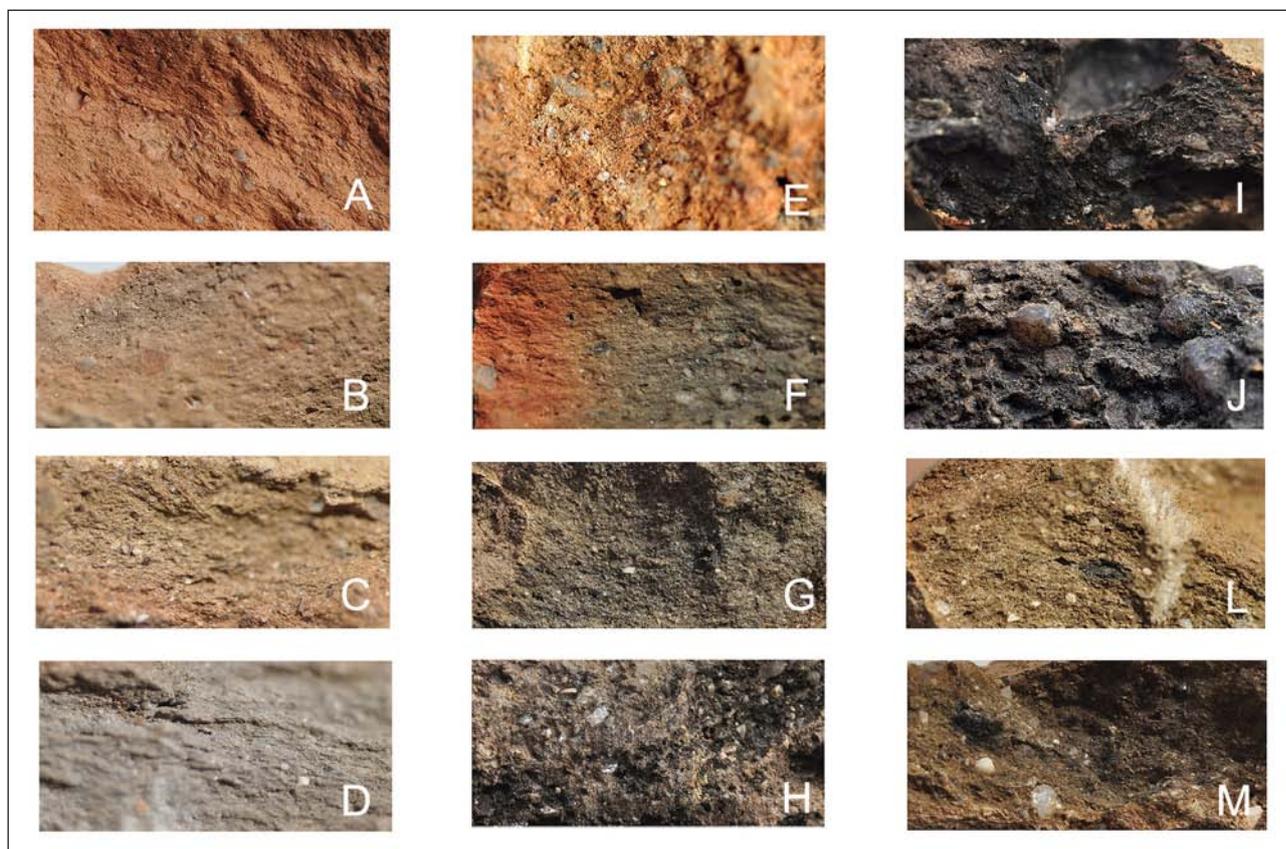


Figura 30
Tipos de pastas de
cerâmicas do Castro
de S. Salvador, Cercal.

Tampa

Recolheu-se um fragmento de uma tampa em I 15, estrato 1 (fig. 31, nº 4), certamente de produção já romana.

Tijelas

São peças que se produzem em todas as épocas, sendo as do Castro de São Salvador levantadas todas a roda, apresentando os fundos anelares, desbaste com fretadeira (fig. 31, nºs 5-9).

Taça

A pequena taça de bordo extrovertido, com ressalto com perfil convexo concavo de influência orientalizante (fig. 31, nº 10).

Pratos

Integramos os fragmentos de pratos que se recolheram nas sondagens de influência romana (fig. 31, nºs 11-14).

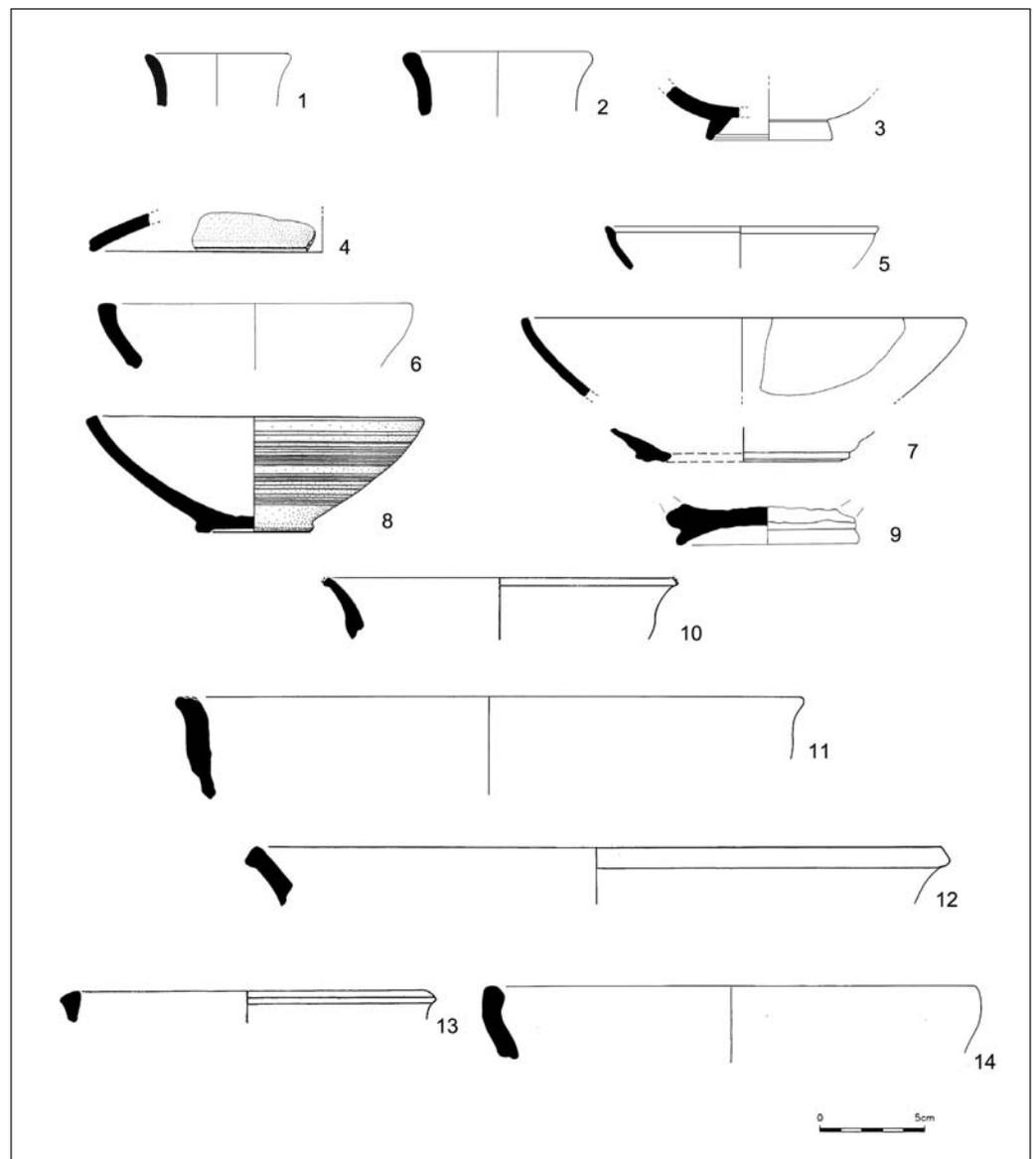


Figura 31
Materiais cerâmicos.
1-3, fragmentos
em cerâmica
campaniense; 4,
tampa em cerâmica
comum; 5-14, vários
fragmentos de tigelas
e taças em cerâmica
comum.

Potes/ panelas

Nalguns exemplares nota-se a influência orientalizante, (fig. 32, n^{os} 10, 15 e 16) idênticos a outros recolhidos no Sítio do Castelo de Santa Catarina (Caldas da Rainha) (Gonçalves, 1997, p. 10 e 40, n^{os} 1 e 2).

As pequenas panelas de cozedura redutora (fig. 32, n^{os} 4-9), apareceram também no Sítio do Castelo, Arruda dos Vinhos (Gonçalves, p. 36, n^{os} 1 e 2), assim como no Acampamento Militar Romano da Lomba do Canho (Fabião e Guerra, 1987, p. 300, n^{os} 501, 521, 526 e 527).

Dentro deste tipo de recipientes fazem parte outras formas, em menor número, que nos apontam para produções do final da República inícios do Império (fig. 32, n^{os} 1-3, 11 e 18).

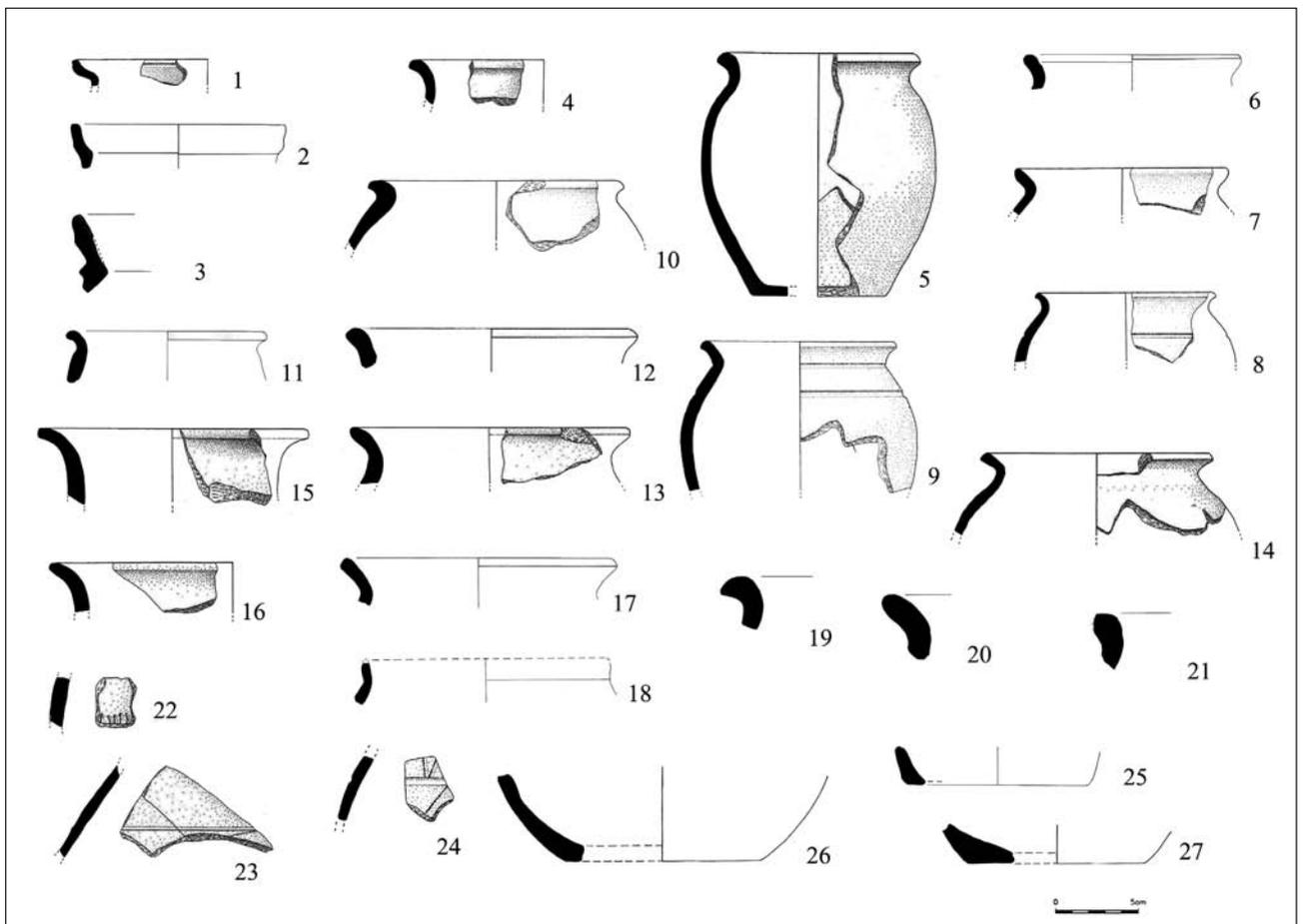


Figura 32
Panelas e potes em
cerâmica comum.

Potes e talhas

O maior grupo destes recipientes diz respeito aos destinados a armazenamento, tanto de sólidos como de líquidos.

Alguns destes contentores ainda apresentam características orientalizantes (fig. 34, n^{os} 2, 7-10), enquanto as restantes se incluem já no período Romano.

Algumas das peças podem apresentar decoração incisa, dos tipos angulosa e ondulada (fig. 34, n^{os} 26-29; fig. 34). Na *villa* romana de Borjigas, Cadaval, recolheram-se fragmentos de grandes recipientes com decoração ondulada incisa. No Castelo de Lousa apareceram alguns contentores com o mesmo tipo de decoração que as autoras datam da última metade do século I a. C. (Pinto e Schmit, 2010, p. 322 e 323).



Figura 33

1, *Oinochoe* em cerâmica cinzenta fina;
2, fragmento de pote com decoração incisa;
3 e 4, fragmentos de panelas de cozedura redutora.
(Fotografias de Guilherme Cardoso)

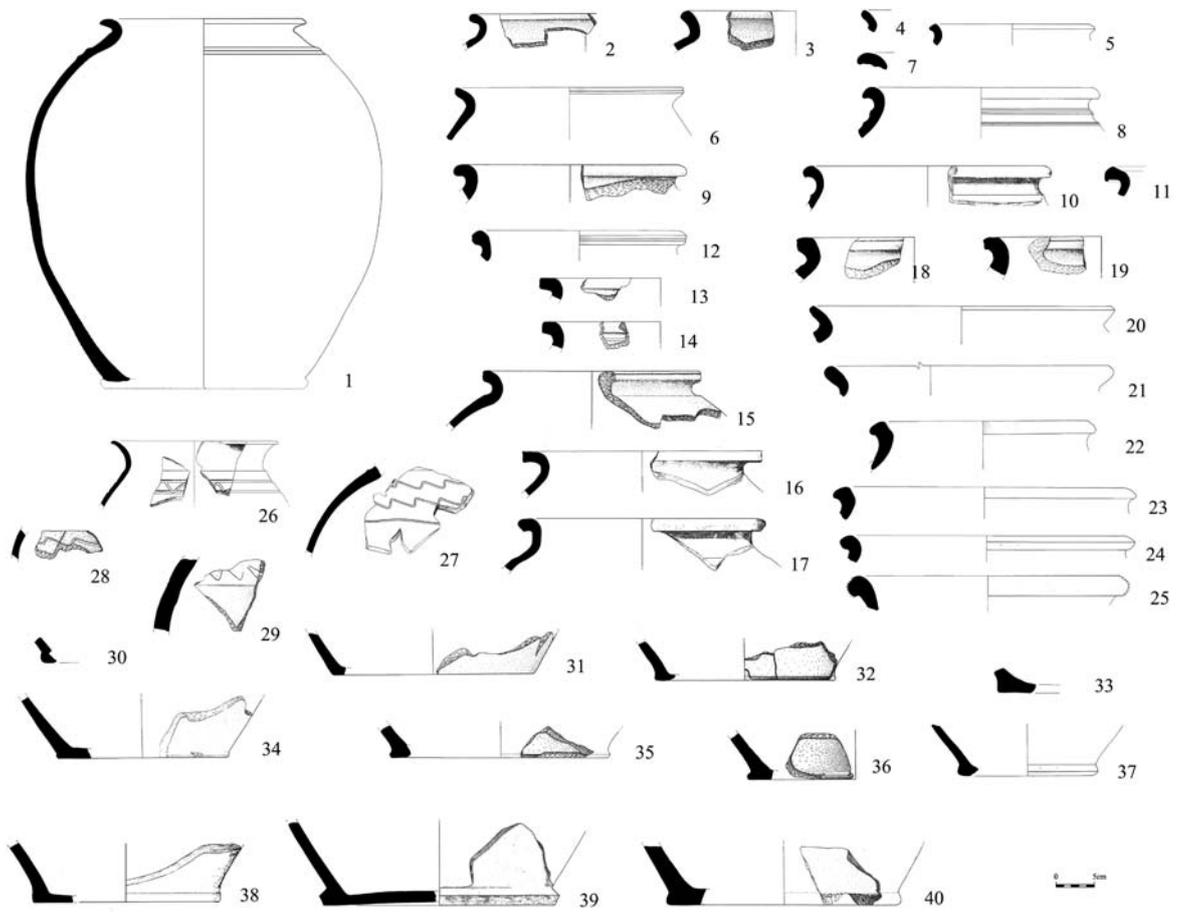


Figura 34
Potes e talhas em
cerâmica comum.



Figura 35
Fragmentos de panças
decoradas com linhas
onduladas.

Cossoiros

No quadrado I 15, recolheu-se um cossoiro decorado no estrato 1 (fig. 36, nº 5) e outro liso (fig. 36, nº 2), por sua vez na sondagem C 4 recolheu-se um de forma cónica estreita (fig. 36, nº 3) e outro no quadrado D 15 (fig. 36, nº 4).

Separador de tear

O separador de tear recolhido na primeira camada de I 15 (fig. 36, nº 1), é peça única mas que confirma a produção de tecidos neste castro, embora não tenha sido encontrado qualquer peso de tear.

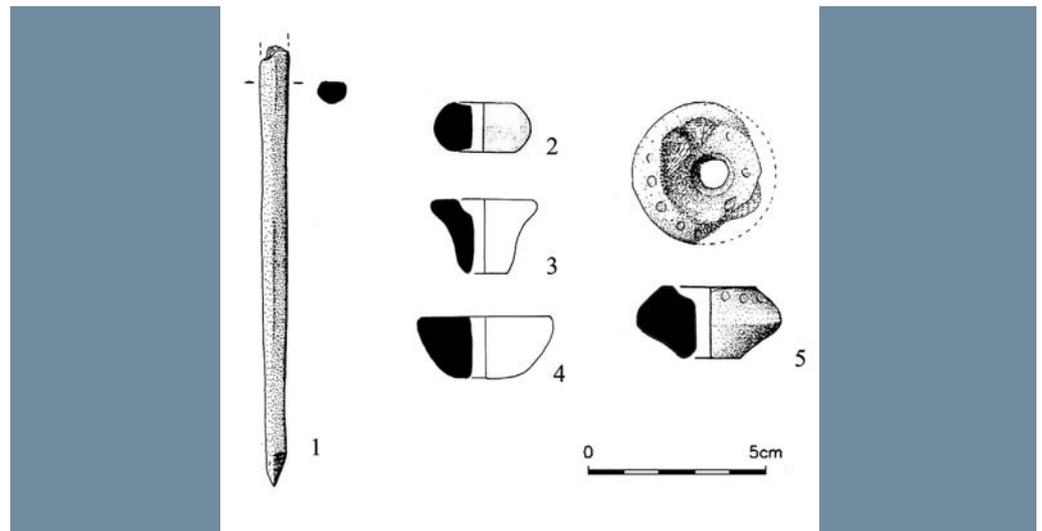


Figura 36
1, Separador de tear em osso; 2-4, cossoiros em cerâmica.

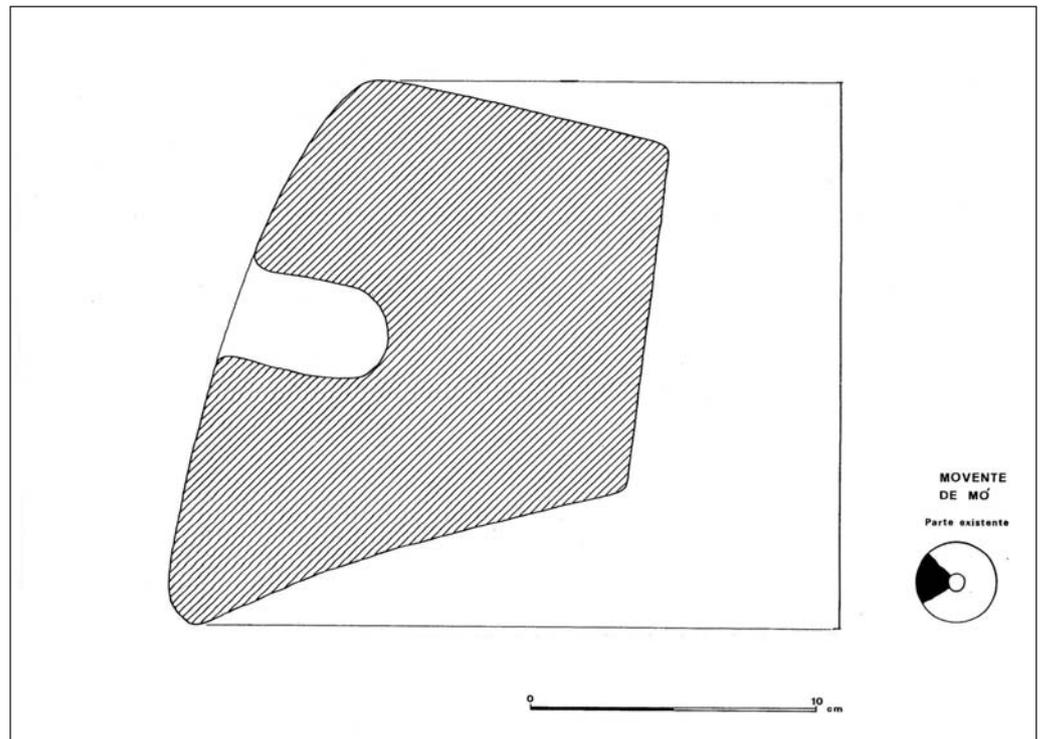


Figura 37
Fragmento de movente de mó manual de arenito, recolhida na camada 2B de I 15.

SÍTIO DO CASTELO (Arruda dos Vinhos)

Localiza-se o sítio arqueológico do Castelo na freguesia de Arranhó, num esporão elevado sobre o vale do rio Grande da Pipa, a sul da povoação de Monfalim, onde existiu o Forte do Paço, um dos baluartes da primeira das Linhas de Torres, ao tempo das invasões francesas. Os vestígios arqueológicos foram identificados à superfície, em 1987, por Joaquim Gonçalves, durante trabalhos de prospecção. No ano seguinte e até 1993, João Ludgero Gonçalves, então arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, iniciou uma série de campanhas de escavações arqueológicas, a pedido da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos. Os resultados então obtidos, publicados no nº 3 da Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa, possibilitaram concluir que o local tinha sido habitado no Calcolítico médio e final, com outra ocupação posterior no final da II Idade do Ferro.

Durante o primeiro período existiu no local um pequeno povoado fortificado com uma muralha de alvenaria seca reforçada por torreões. Nos estratos junto à base do bastião foram recolhidos diversos fragmentos de cerâmica do período do Calcolítico médio – alguns com decorações do tipo “folha de acácia” – bem como outros tipos cerâmicos pertencentes à parte final do mesmo período – vasos campaniformes decorados com técnicas de ponteadado e incisões – lâminas de sílex, pesos de tear, um fragmento de polidor em xisto anfibólico, uma conta de colar de rocha verde, um fragmento de alfinete de cabelo com cabeça troncocónica e dois punções em cobre (espólio da Idade do Cobre).

Dos finais do período sidérico verificou-se a existência de vestígios de um piso de argila cozida delimitado em parte por um alinhamento de ortostatos.

Entre os artefactos recolhidos há a destacar a abundância de fragmentos de grandes potes de cerâmica, para armazenagem de víveres, diversos fragmentos de panelas, tigelas e jarros, dois fragmentos de taças de cerâmica campaniense A, cossoiros, pesos de tear, alfinete de cabelo em bronze, três fíbulas: duas do “tipo transmontano” (Século III a. C. ao I d. C.), outra do tipo La Tène III (grupo E de Camulodunum, datada do 2º quartel do século I a. C. até à 1ª metade do III d. C.), uma faca de ferro e três denários republicanos (um de Roma datado de 153 a. C., e dois de 134 a. C.).

As últimas escavações efectuadas em 1997, sondagem S II, confirmaram que toda a zona está completamente alterada devido à erosão provocada pela água da chuva e o conseqüente escorregamento das terras que cobriam o sítio. A construção do Forte do Paço, das Linhas de Torres, terá contribuído certamente para o desaparecimento dos vestígios anteriores mas foi sem dúvidas a extracção de pedras do local que terá provocado o quase total desaparecimento da muralha do período Calcolítico e dos vestígios da Idade do Ferro.¹



Figura 38

O vale do rio Grande da Pipa visto de poente para nascente.



Figura 39

Vista do sítio do castelo tirada das pontes de Monfaim.

Figura 40
Planta da área
escavada. A azul
sondagens onde
apareceram os
vestígios de estruturas
da Idade do Ferro
final. A vermelho,
vestígios de um muro
do Forte do Paço,
de época da Guerra
Peninsular.



Figura 41
Planta da área
escavada. Em azul-
escuro, alicerces
das estruturas
do Calcolítico. A
cinzento-escuro
muro de ortostatos
e a rosa, manchas de
área queimada, com
abundante cerâmica
da Idade do Ferro.

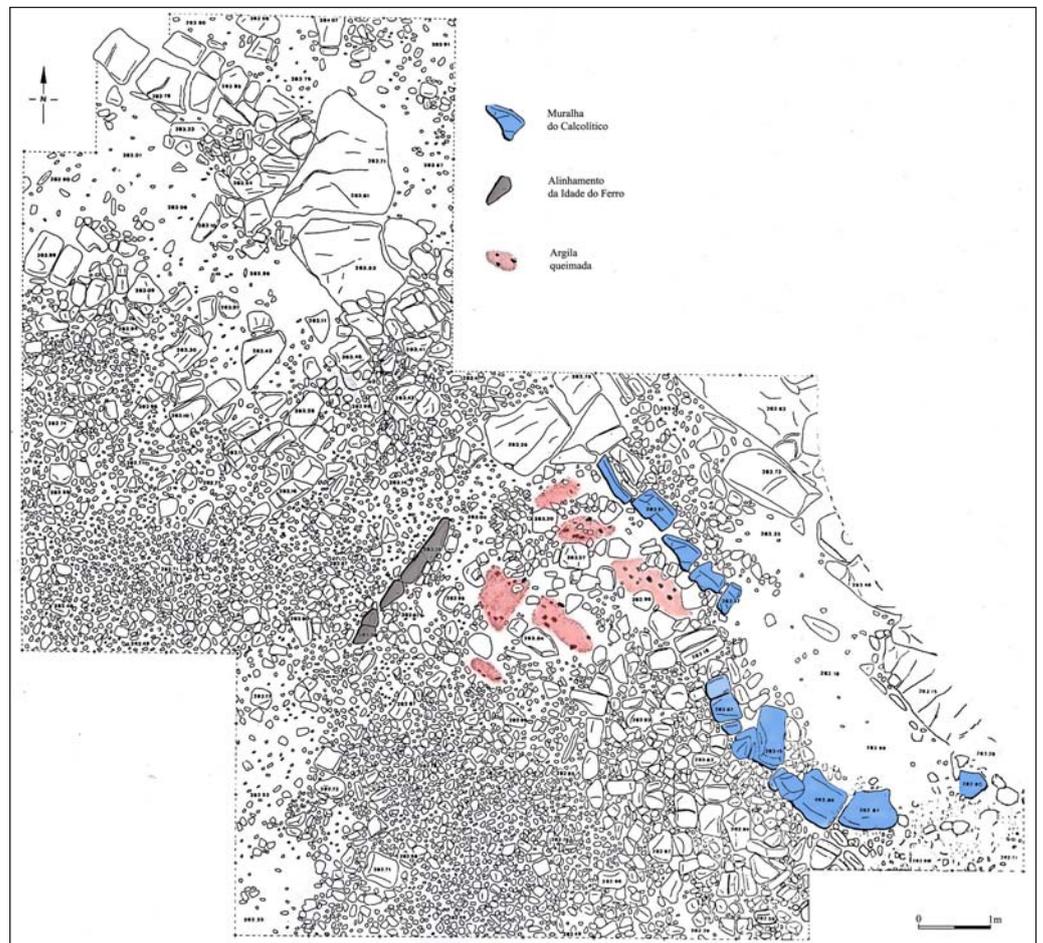




Figura 42
Vista superior dos
dois alinhamentos de
pedras e da zona de
argilas queimadas.



Figura 43
Fase intermédia da
escavação, vendo-se
o alinhamento de
pedras a a zona de
argilas queimadas.



Figura 44
Materiais da Idade
do Ferro in situ.



Figura 45
Alinhamento de
ortostatos e parte da
zona queimada.



Figura 46
Sondagem S II, de
1997.

Figura 47
Dois dos denários
republicanos
recolhidos.

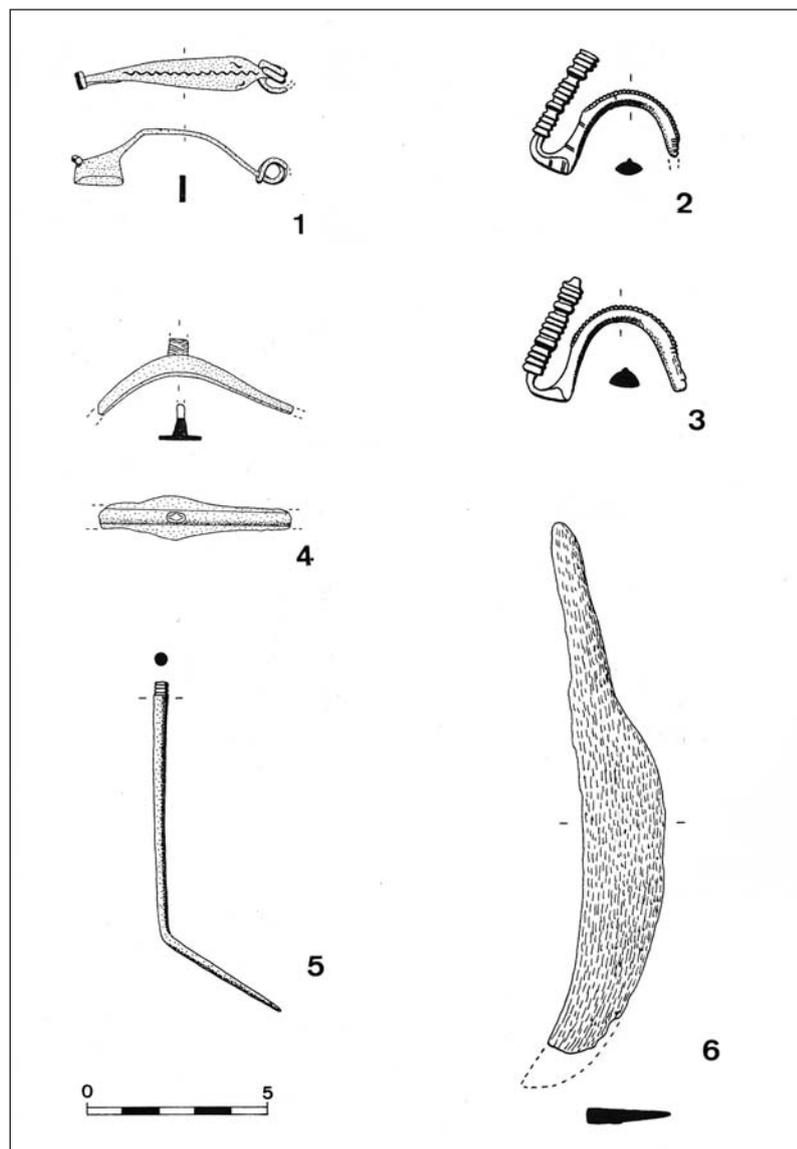


Figura 48
1-4, fíbulas; 5, alfinete
de cabelo em bronze;
6, faca de ferro de
lâmina curva.

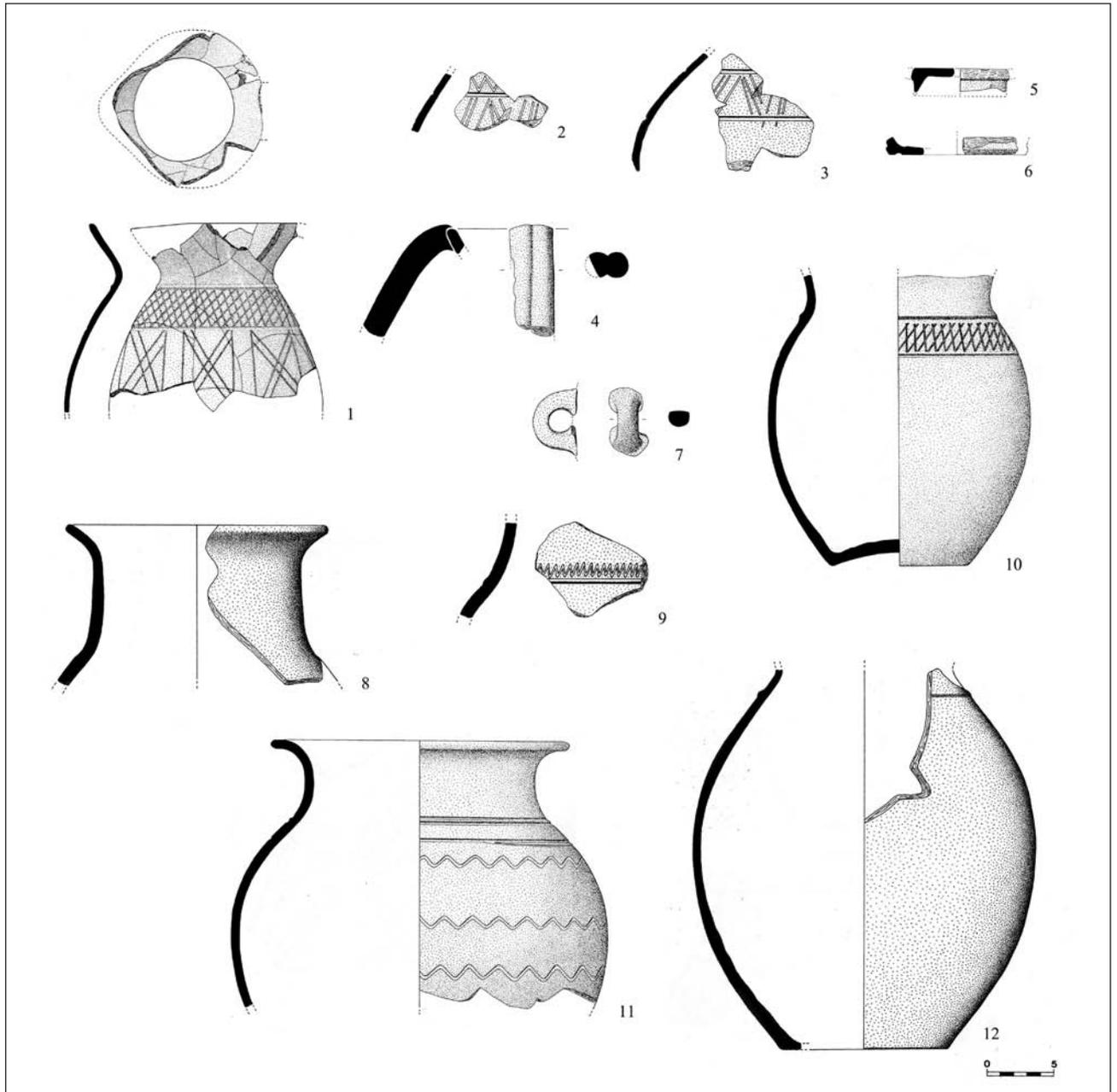


Figura 49
Cerâmicas cinzentas.

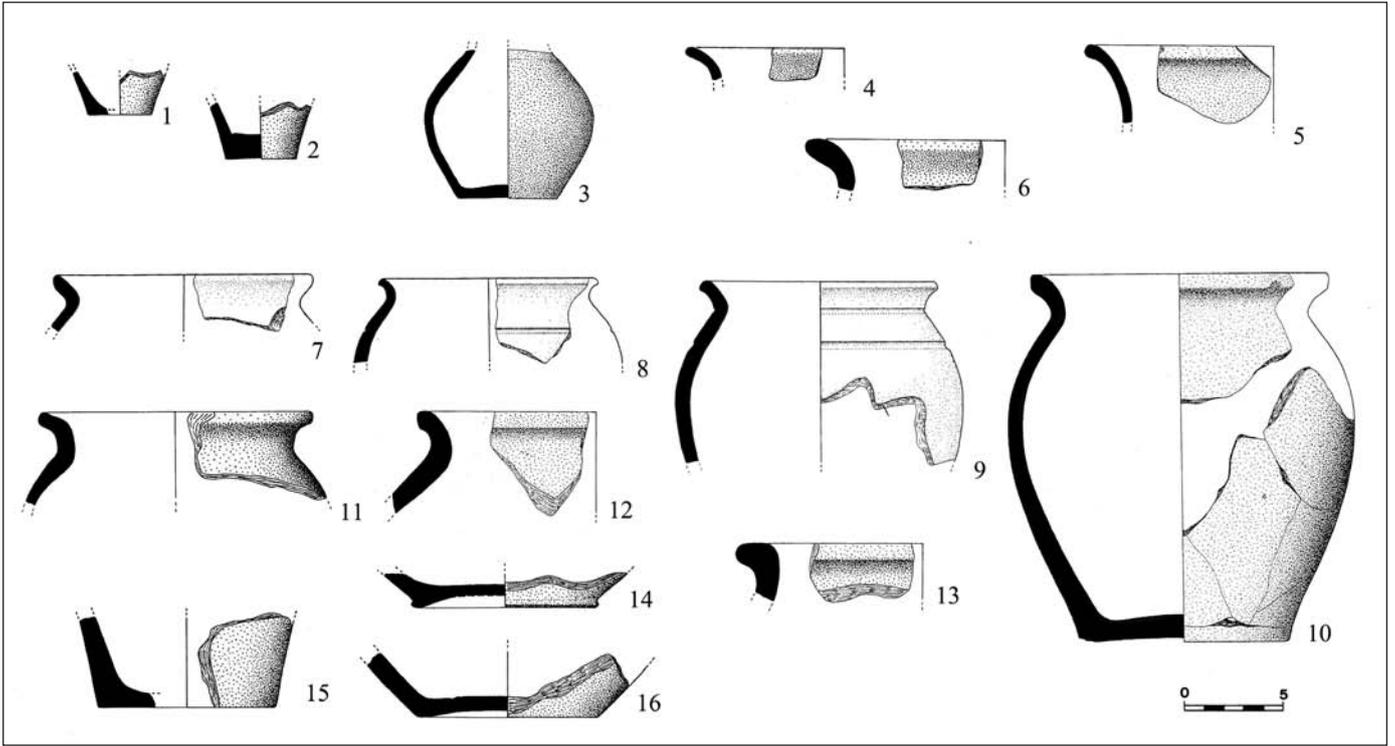


Figura 50
Panelas e potes.

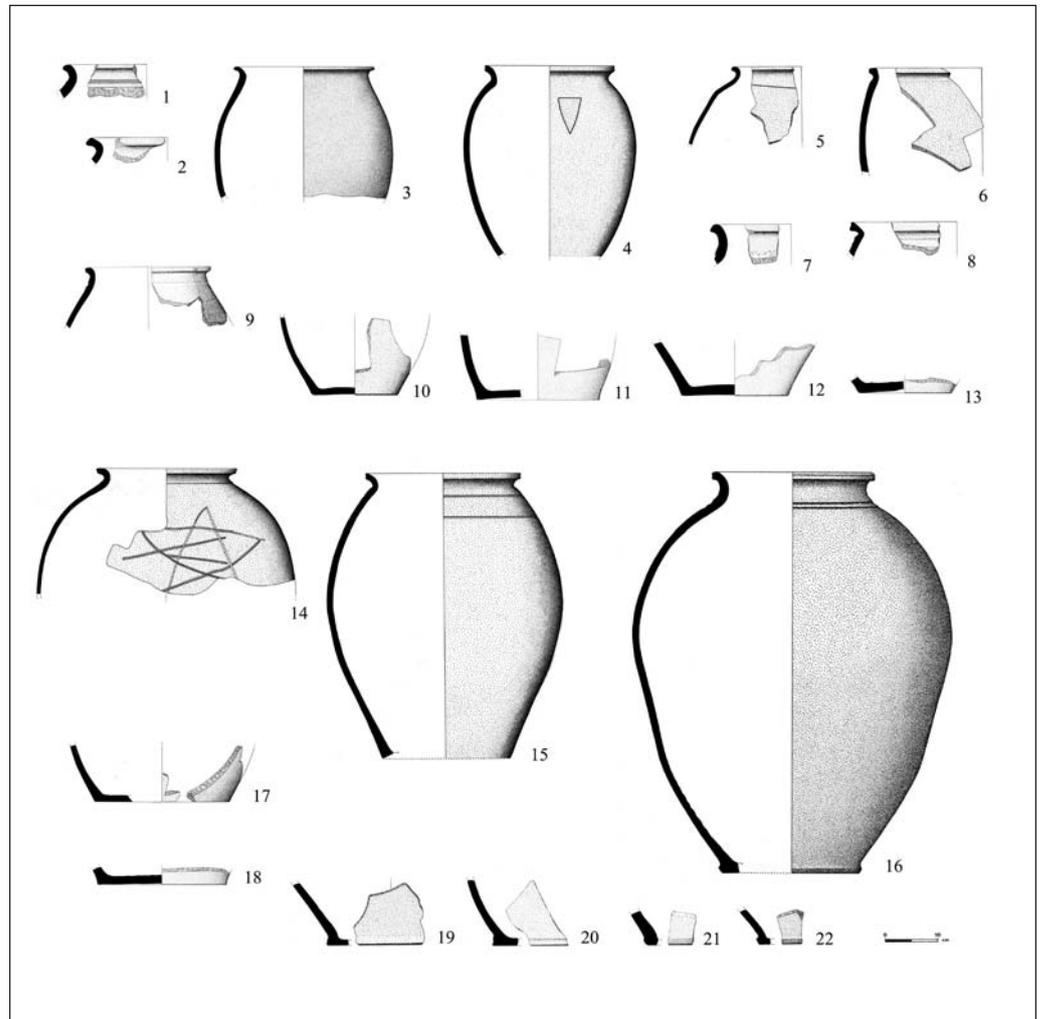


Figura 51
Potes e talhas.

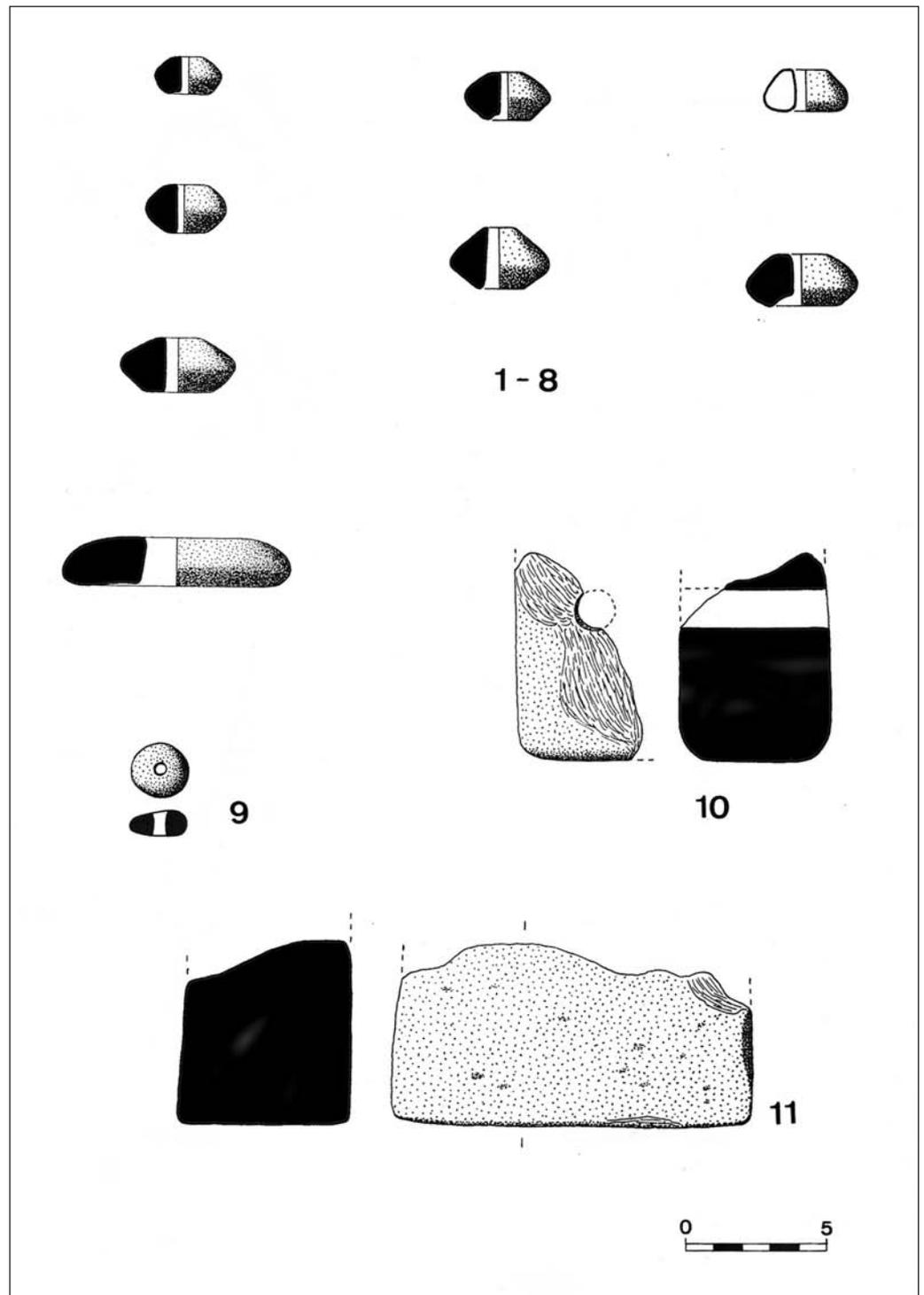


Figura 52
1-8, cossiros; 9, conta
de âmbar; 10-11,
pesos de tear.

DO POVOAMENTO PRÉ-ROMANO À ROMANIZAÇÃO

Na área em estudo, confrontámo-nos com um povoamento pré-Romano disseminado por todo o território, em sítios estratégicos de defesa.

No caso do município do Cadaval observa-se, até ao momento, uma concentração de achados nos castros de Pragança e de S. Salvador, existindo alguns escassos vestígios de casais (da Idade do Ferro e Romanos) que detectámos no lado sul da Serra de Todo-o-Mundo e também na parte superior do esporão de Borjigas, à saída da vila do Cadaval, para o Peral.

A área do vale do Tejo foi, na antiguidade, durante muito tempo uma zona de fronteira. Verificava-se assim um choque, quer cultural, quer de instabilidade territorial que se prolongou para além das margens fluviais do grande rio.

Podemos assim considerar o castro de São Salvador como pertencente a uma defesa mais recuada de um pequeno grupo autóctone que utilizaria um tipo de “guerrilha” que respondia a ataques, de escala de pequena envergadura, e que ao mesmo tempo que vigiava o troço de uma via secundária entre *Scallabis* e Lamas (Mantas, 1996, mapa) que se iria entroncar na via que saía de *Olisipo*, passando por Torres Vedras e seguindo para *Eburobritium*.

Situado na zona norte do *ager Olisiponensis*, o território do actual concelho de Arruda dos Vinhos foi, desde os primeiros tempos, alvo de colonização romana.

Motivos dessa preferência eram sem dúvida: a riqueza do solo e a relativa amenidade do clima, por um lado e a sua localização excelente numa zona de passagem entre o estuário do Tejo e as zonas mais a poente, por outro.

Seria pois como que um enclave entre o rio Tejo e o mar.

Diversos são os vestígios da ocupação romana. E se, de acordo com os últimos trabalhos de investigação, a principal via de *Olisipo* a *Bracara Augusta* não passava directamente por ali, o certo é que Arruda dos Vinhos e, mais concretamente, Santiago dos Velhos terão sido, desde sempre, pontos de passagem obrigatórios entre o Tejo e Dois Portos (Torres Vedras), escoando-se por ali os importantes produtos agrícolas que faziam parte das riquezas da época.

Já se identificaram, a nível da ocupação do solo, por exemplo *villae* ou casais romanos (são prova disso a vila de Arruda dos Vinhos e os actuais Casal do Letrado e Casal das Pias) e do próprio Sítio do Castelo onde se exumaram moedas republicanas (dois denários de 153 a. C. e outro de 134 a. C., *supra*), uma fíbula de prata da segunda metade do século I a. C. (do género das usadas habitualmente pelos legionários romanos) e muitos fragmentos de cerâmica, designadamente de contentores de alimentos e também dois fragmentos de cerâmica campaniense. Tudo leva a crer, portanto, que por Arruda dos Vinhos passaram, desde logo, os romanos na sua marcha para o Norte, com vista à dominação dos novos territórios, que se lhes afiguraria, já então, quase como uma «terra prometida».

Zona de passagem foi-o também – e necessariamente – zona ampla de aculturação entre indígenas e romanos. Disso são prova, para já, os nomes que figuram em três epitáfios conhecidos (Cardoso e Encarnação, 2010).

A importância do vale do rio Grande da Pipa, linha de água que desagua no Rio Tejo junto ao Carregado, zona de passagem na ligação entre o território de Torres Vedras, o Tejo e as ligações a *Scallabis* e *Emerita Augusta*, dava, certamente, a esta região uma posição estratégica de real valor para um controlo que se pode antever através da existência de lugares fortificados na margem direita do dito rio, confirmado pelos materiais datados do século

II a. C., recolhidos no Sítio do Castelo, bem como no do Castelinhos, este no concelho de Vila Franca de Xira, datado entre a século II a. C. e a época de Augusto, bem como o castro do Amaral, com cronologias ocupacionais da II Idade do Ferro localizado na margem esquerda do Rio Grande da Pipa, no concelho de Alenquer.

As vias

Por fim, as vias terrestres tão importantes para o desenvolvimento da romanização dos povos da Lusitânia levam-nos a tecer algumas das seguintes considerações sobre a localização dos castros estudados.

Os novos achados arqueológicos no entorno de Vila Franca de Xira (Pimenta e Henrique, 2012) e Carregado (Pimenta *et al.*, 2008) permitem corroborar antigas teorias de fixação dos povos da Idade do Ferro na Região Oeste e colocar algumas questões quanto ao traçado das antigas vias da Baixa Estremadura.

Por sua vez Vasco Mantas opina, assim como outros autores, ser a via principal do *ager Olisiponensis* a que ligava *Olisipo* a *Scallabis*.

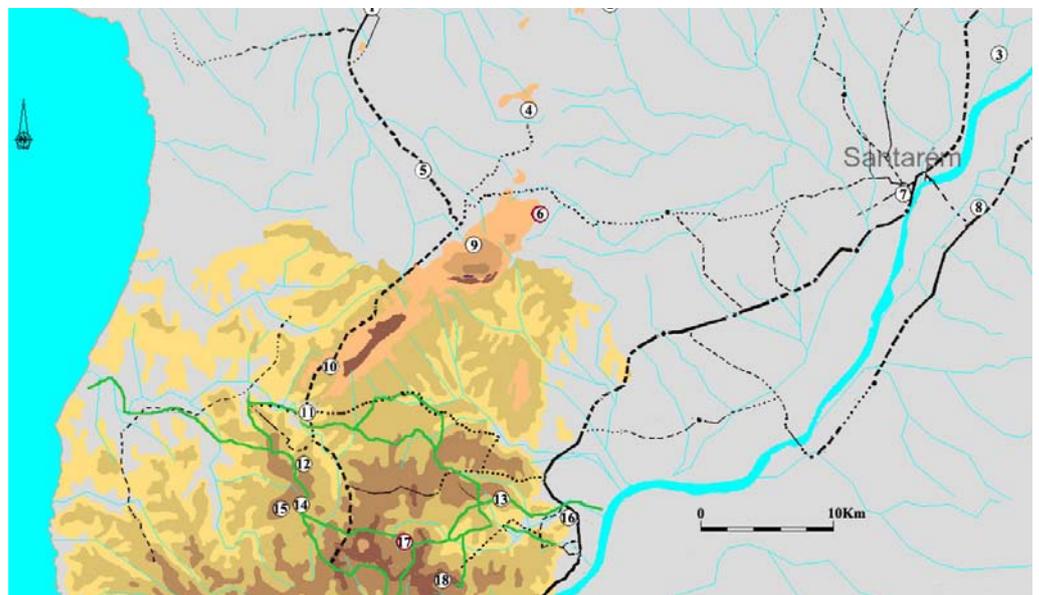
Seguindo esta na direcção norte, ao longo do Tejo, atingiria *Ierabriga*, onde iria inflectir para nordeste. A passagem do rio Trancão, no concelho de Loures, poderia ser feita em Sacavém ou junto a Loures. Daqui sairia uma estrada secundária que ligaria a Torres Vedras (*Cretina*, segundo Vasco Mantas) seguindo para *Eburobrittium* através do concelho do Cadaval (Mantas, 1996).

Já chamámos, anteriormente, a atenção das “falhas que possam existir, no trabalho de Vasco Mantas... a não existência de uma via ao longo de todo o vale do rio Grande da Pipa, concelho de Arruda dos Vinhos, tendo dois pontos fortificados sobre ele, Sítio do Castelo e Curvaceira de Cima (Castro do Amaral), e diversos outros sítios romanos ao longo dele...” (Cardoso e Gonzalez, 2008, p. 131).

Finalmente outra das hipóteses, ainda por confirmar, seria a da existência de uma via entre *Ierabriga* e *Eburobrittium* que contornando a serra de Montejunto por oriente, junto ao castro de São Salvador, seguiria daí para Norte.

Figura 53

A negro as vias propostas por Vasco Mantas, a verde, vias que propomos. 1, *Eburobrittium*; 2, Rio Maior; 3, Chões de Alpompe; 4, Serra de Todo-o-Mundo; 5, Cadaval; 6, Castro de São Salvador; 7, *Scallabis*; 8, Alto dos Cacos; 9, Castro de Pragança; 10, Castro de São Mateus; 11, Torres Vedras; 12, Dois Portos; 13, Castro do Amaral; 14, Castro das Marquitas; 15, Castro do Socorro; 16, Castelinhos; 17, Castro do Castelo; 18, Casal do Cego; 19, Moinho do Custódio.



BIBLIOGRAFIA:

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel, e SANZ GAMO, Rubí (1993)** - Bronces antiguos del museo de Albacete. Instituto de Estudios Albacetenses. Estudios. 67. Albacete, p. 147-161.
- ALARCÃO, Jorge (1976)** - Chapitre IX. Les amphores. In ALARCÃO, Jorge e Étienne, Robert (eds) *Fouilles de Conimbriga*. Paris, Ed. de Boccard, p. 79-88.
- ARRUDA, Ana Margarida, e ALMEIDA, Rui R. (1998)** - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (Campanhas 1983-1991). *Conimbriga*. Vol. XXXII, p. 201-231.
- ARRUDA, Ana Margarida, VIEGAS, Catarina, BARGÃO, Patrícia, e PEREIRA, Raul (2006)** - A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana». In TAVARES da SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina, eds. *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. (2004, Maio 7 a 9). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, p.153-176.
- ARTEGA MATUTE, Oswaldo (1985)** - Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Mar (campana de 1982). *Noticario Arqueológico Hispánico*. N.º 23, p. 195-233.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1994)** - Urbanismo de la Hispania “Celtica” Castros y Oppida del Centro y Occidente de la Peninsula Iberica. Martín ALMAGRO-GORBEA y Ana Mª MARTIN (ed.) *Castros y Oppida en Extremadura*, Editorial Complutense, Madrid, p. 13- 75.
- BELO, Ricardo (1955)** - Subsídios para o estudo da época do Bronze na região de Torres Vedras. Boletim da Junta de Província da Estremadura. Lisboa, p. 38-40.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (1994)** - *Oppida* y castros de la Beturia Celtica. In ALMAGRO-GORBEA, Martín e MARTIN, Ana Mª (ed.) *Castros y Oppida en Extremadura*. Editorial Complutense. Madrid, p. 190-241.
- CARDOSO, Guilherme (2002)** - *Aspectos da Romanização do ager Olisiponensis*. Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo. Universidad de Extremadura Departamento de Historia Área de Arqueología. Cáceres. (Policopiada).
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d' (2010)** - Arruda dos Vinhos – Uma rota privilegiada. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Série 4. N.º 95. 2.º Tomo. Lisboa, p. 89-110.
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNAÇÃO, José d' (2013)** - O Povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira Arqueologia*. N.º 2. Vila Franca de Xira, p. 133-180.
- CARDOSO, Guilherme, GONZALEZ, António (2008)** - Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. *Actas do IV Seminário do Património da Região do Oeste*. Arruda dos Vinhos, p. 127-133.
- CARDOSO, Guilherme, e LUNA, Isabel (2002)** - Sondagens de emergência junto à Igreja de S. Tiago (Torres Vedras). *Al-madan*. IIª série. 11. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, p. 7.
- CARDOSO, Guilherme, e LUNA, Isabel (2005)** - Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *Actas do Congresso – A Presença Romana na Região Oeste*. Câmara Municipal do Bombarral, p. 65-83.
- DIOGO, A. M. Dias (1984)** - O material romano da 1ª campanha de escavações na Alcáçova de Santarém. *Conimbriga*. XXIII. Coimbra, p. 111-141.
- DIOGO, A. M. Dias, e TRINDADE, Laura (1993-1994)** - Materiais provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém). *Conimbriga*. XXXII-XXXIII. Coimbra, p. 263-281.
- FABIÃO, Carlos (2013)** - Romanos no baixo Tejo. Pimenta, João (Coord.), Catálogo da Exposição *Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a Conquista Romana do vale do Tejo*, Lisboa, p. 61-68.
- FABIÃO, Carlos, e GUERRA, Amílcar (1987)** - Considerações preliminares sobre a cerâmica comum do acampamento militar romano da Lomba do Canho, Arganil. *Da Pré-História à História – Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Editora Delta, Lisboa, p. 287-308.
- FARIA, António J. M. (1987)** - Guerras e conflitos no vale do Tejo, na Antiguidade. O testemunho dos tesouros monetários. *Arqueologia no Vale do Tejo*. Instituto Português do património Cultural. Lisboa, p. 60-61.
- GONÇALVES, João Ludgero (2008)** - O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos) – escavações 1988 a 19993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. N.º 3. Lisboa, p. 5-52.
- GUERRA, Amílcar (2012)** - O troço inicial da via *Olisipo-Bracara* e o problema da localização de *Ierabriga*. *Cira Arqueologia – Atas mesa redonda – de Olisipo a Ierabriga*. N.º 1. Vila Franca de Xira, (edição electrónica).
- HENRIQUES, Susana (2008)** - O Sítio do Castelo (Santa Catarina, Caldas das Rainha). Do Neolítico à Idade do Ferro. *Actas do IV Seminário do Património da Região do Oeste*. Arruda dos Vinhos, p. 83-110.
- LÓPEZ CASTRO, José Luis (1995)** - *Hispania Poena Los fenicios en la Hispania romana*. Crítica, Barcelona.
- MAIA, Manuel (1978)** - Ânforas neopúnicas do Sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*. Vol. I. Lisboa, p. 197-207.
- MANTAS, Vasco (1996)** - *A rede viária romana na faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Tese de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (Policopiada).

- MANTAS, Vasco (1998)** - Vias Romanas do Concelho de Loures. *Da vida e da morte: os Romanos em Loures*. Loures, p. 17-28.
- MANTAS, Vasco (2000)** - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Vol. I. Torres Vedras. Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo “Alexandre Herculano”, p. 9-25.
- MANTAS, Vasco (2002)** - A população da região de Torres Vedras na época Romana. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Vol. IV. Torres Vedras. Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo “Alexandre Herculano”, p. 129-141.
- MANTAS, Vasco (2012)** - A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios. *Cira Arqueologia – Actas mesa redonda – de Olisipo a Jerabriga*. N.º 1, Vila Franca de Xira. (edição electrónica).
- MANTAS, Vasco Gil (2012)** - *As vias Romanas da Lusitânia. Studia Lusitana*. 7. Mérida.
- MARQUES, Gustavo, ANDRADE, G. Miguéis, (1974)** - Aspectos da Proto-história do Território Português. I – definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Ministério da Educação Nacional, Porto, p. 125-148.
- MARTÍN BRAVO, Ana M.ª (1999)** - Los orígenes de Lusitania – el I milenio A. C. en la Alta Extremadura. *Bibliotheca Archeologica Hispana*, 2. Madrid.
- MORAIS, Rui (2010)** - Ânforas. In ALARCÃO, Jorge; CARVALHO, Pedro e GONÇALVES, Ana (Coord.), *Castelo da Lousa. Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002. Studia Lusitana*. 5. Mérida, p. 181- 218.
- PIMENTA, João (2005)** - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa). Trabalhos de Arqueologia*. 26. Instituto português de Arqueologia. Lisboa.
- PIMENTA, João, HENRIQUES, Eurico, e MENDES, Henriques (2012)** - *O Acampamento Romano do Alto dos Cacos – Almeirim*. Almeirim.
- PIMENTA, João, e MENDES, Henriques (2012)** - Sobre o povoamento romano ao longo da via de *Olisipo a Scallabis*. In *Cira Arqueologia*, n.º 1. Actas mesa redonda – de *Olisipo a Scallabis*. A rede viária romana no vale do Tejo. Vila Franca de Xira, (edição electrónica).
- PIMENTA, João, MENDES, Henriques, e NORTON, José (2008)** - O povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira. *Al-madan*. IIª Série. 16. Almada, p. 26-37.
- PINTO, Inês Vaz, e SCHMIT, Anne (2010)** - Cerâmica comum. In ALARCÃO, Jorge; CARVALHO, Pedro e GONÇALVES, Ana (Coord.), *Castelo da Lousa. Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002. Studia Lusitana*, 5, *Studia Lusitana*, 5, Mérida, p. 219-443.
- PONTE, Salete da (1982)** - Uma Colecção de fibulas da Estremadura. *Boletim Cultural Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, p. 215-223.
- PONTE, Salete da (2006)** - *Corpus signorum das fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Caleidoscópico, Coimbra.
- RAMON TORRES, Joan (1995)** - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental. Instrumenta*, 2, Barcelona.
- SÁEZ ROMERO, Antonio M. (2008)** - La producción de ánforas en el área del Estrecho en época tardo-púnica (siglos-III-I a. C.). In BERNAL CASASOLA, Dario e RIBERA I LACOMBA, Alberto (eds. Científicos) *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, p. 635-659.
- SPINDLER, Konrad, e TRINDADE, Leonel (1970)** - A Póvoa eneolítica do Penedo – Torres Vedras. In *Actas das I Jornadas de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. 2. Lisboa, p. 10.
- TAVARES DA SILVA, Carlos, e SOARES, Joaquina (1997)** - Chibanes revisitado primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*, VI, Lisboa, p. 33-66.

Ilustrações:

Fotografias de João Ludgero Gonçalves, Guilherme Cardoso e André Cardoso.

Desenhos de João Ludgero Gonçalves, Luísa Batalha e Guilherme Cardoso.

Mapa de georreferenciação digital dos sítios arqueológicos e vias romanas (fig. 52) desenhado por José António Oliveira.

Agradecimentos:

A João Ludgero Gonçalves por toda a informação, desenhos e fotografias que tirou durante as escavações do Castelo de São Salvador e Sítio do Castelo, a Rubí Sanz Gamio pelas informações prestadas, assim como a Eurico Sepúlveda na classificação das cerâmicas finas romanas e revisão do texto.

NOTAS

- ¹ Todos os materiais exumados durante as escavações efectuadas já foram publicados por João Ludgero Gonçalves pelo que remetemos para o artigo citado na bibliografia.